

Wesley Machado

# BOTAFOGO ROXINH



E OUTROS TEXTOS SOBRE FUTEBOL!

B  
O  
T  
A  
F  
O  
G  
O  
R  
O  
X  
I  
N  
H  
O



ISBN: 978-65-00-02032-8



9 786500 020328



**Wesley Machado**

**BOTAFOGO,  
ROXINHO**

**E OUTROS TEXTOS SOBRE FUTEBOL!**



**“Botafogo, Roxinho e outros textos sobre futebol”**

**Campos dos Goytacazes  
Rio de Janeiro  
Brasil**

**Todos os direitos reservados ao autor  
Wesley Machado  
A reprodução é autorizada desde que citada a fonte**

**E-mail: [wmescreve@gmail.com](mailto:wmescreve@gmail.com)  
<https://wesleybmachado.wordpress.com/portfolio/literatura/>**

**Edição: Wesley Machado  
Revisão: Wesley Machado, Claudio Tadashi e Yelmo Papa  
Capa e Diagramação: Claudio Tadashi  
Abril de 2020**



### **Dedicatórias**

Para meu pai, Fernando, que me passou o amor pelo Botafogo;

Para minha mãe, Ezilane, que me incentiva a sonhar;

Para minha esposa, Nilcea, companheira de todas as horas!

Para minhas filhas Luiza e Júlia, pelos momentos de felicidade!

Para meu avô paterno, Fernando (Em Memória), que me ensinou a gostar de ler!

Para meu avô materno, Egenildo, que me colocou na Escolinha do Roxinho;

Para minha avó paterna, Neusa, sempre preocupada comigo;

Para minha avó materna, Ezilea (Em Memória), que sempre torceu por mim!

## **Agradecimentos**

Agradeço em primeiro lugar ao amigo Tadashi, por toda dedicação em fazer tornar realidade o meu sonho da publicação deste livro!

Agradeço à meu Pai, Fernando, por ter me feito apaixonar pelo Futebol!

Agradeço à minha mãe, Ezilane, pelos conselhos!

Agradeço à minha esposa Nilcea, pela paciência e companheirismo!

Agradeço à minha filha primogênita Luiza pela espontânea alegria em meio à Pandemia. Ela que fez aniversário no dia do lançamento deste livro, 23 de abril, Dia Mundial do Livro e Dia do Direito do Autor no Brasil!

Agradeço à minha filha caçula, Júlia, por todo carinho e amor!

Agradeço à minha Irmã Fernanda pelas ajudas nas questões financeiras relacionadas à produção do livro;

Agradeço ao meu Irmão Weverthon por se preocupar comigo mesmo de longe, sempre me incentivando e torcendo por mim;

Agradeço aos amigos João Vitor Medeiros, Alexandre Azeredo, Álvaro Marcos Teles e Leonardo Arêas, que acreditaram no projeto do livro!

Agradeço ao amigo botafoguense Cadré; ao amigo radialista Rhyann Souza; ao amigo poeta Maurício Xexéo; ao meu primo, torcedor do Roxinho, Luan Barbosa; à amiga historiadora Graziela Escocard; ao amigo, grande fotógrafo Dibs Hauaji; ao amigo, pesquisador fotográfico João Pimentel; ao amigo jornalista Matheus Berriel e ao amigo jornalista Edmilson Veloso, todos pela força na divulgação do livro!

Agradeço ao amigo escritor José Roberto Padilha, que aceitou prefaciар este livro!

Agradeço ao amigo escritor botafoguense, Nilton Stemp, por ser uma referência e uma inspiração para mim!

Agradeço ao colega da faculdade de Jornalismo, Bruno Rocha,  
por ter me incentivado a voltar a escrever!

Agradeço ao amigo Yelmo Papa por aceitar a tarefa de revisar  
este livro!

E agradeço a todos que fazem parte da minha história!

## SUMÁRIO

<b>Prefácio .....</b>	<b>15</b>
<b>Introdução.....</b>	<b>17</b>
<b>CAPÍTULO 1 .....</b>	<b>27</b>
<b>Minha primeira e única partida pelo Madureira de Guarus ...</b>	<b>27</b>
<b>Poderia ser com um de nós .....</b>	<b>29</b>
<b>Bastidores de uma peleja .....</b>	<b>31</b>
<b>Crônica de um artilheiro apaixonado .....</b>	<b>33</b>
<b>A camisa da sorte .....</b>	<b>35</b>
<b>A volta de Amaro Furacão .....</b>	<b>36</b>
<b>Câimbras e Frangaços.....</b>	<b>38</b>
<b>CAPÍTULO 2 .....</b>	<b>40</b>
<b>O jornalista esportivo e o mito da imparcialidade ou Em defesa de Mauro Cezar.....</b>	<b>42</b>
<b>Brasil agora vai ter Futebol todo dia .....</b>	<b>43</b>
<b>O dilema de escolher entre o cabeça de área que só sabe marcar e o volante que sabe jogar .....</b>	<b>44</b>
<b>Futebol é uma Roda Gigante .....</b>	<b>46</b>
<b>Futebol brasileiro em ruínas.....</b>	<b>48</b>
<b>Os Estaduais têm seu valor.....</b>	<b>49</b>
<b>Treinador de Futebol, a profissão mais instável no Brasil .....</b>	<b>52</b>
<b>O clube de futebol empresa no Brasil .....</b>	<b>54</b>
<b>Os camisas 9 e os camisas 10 .....</b>	<b>55</b>
<b>Eterno 7 a 1 .....</b>	<b>57</b>

<b>A questão da profissionalização no Futebol brasileiro .....</b>	<b>59</b>
<b>CAPÍTULO 3 .....</b>	<b>61</b>
<b>Coincidências do Futebol.....</b>	<b>62</b>
<b>Será a ressurreição do Americano? .....</b>	<b>63</b>
<b>Campos dos Goytacazes-RJ: Cidade que tem Futebol no nome .....</b>	<b>67</b>
<b>Ex-jogador do Roxinho guarda camisa que ganhou de Ademar da Guia .....</b>	<b>78</b>
<b>A vingança do Enea .....</b>	<b>80</b>
<b>Sapucaia deveria ter disputado o Brasileiro de 75 .....</b>	<b>82</b>
<b>Os Deuses do Futebol reservaram um raro e decisivo Goytacano na Série B1 do Carioca .....</b>	<b>84</b>
<b>Considerada a principal competição do Futebol Campista na época, Taça Cidade de Campos fez história.....</b>	<b>87</b>
<b>Por onde andam os campeões de 76 do Roxinho .....</b>	<b>90</b>
<b>Sem perspectiva de voltar aos profissionais, Rio Branco completa 104 anos .....</b>	<b>93</b>
<b>Dedicatória profética, camisa da sorte, santinhos católicos e sugestão de jogada ensaiada: Histórias do acesso do Roxinho .....</b>	<b>95</b>
<b>40 anos do último título de campeonato profissional do Campos.....</b>	<b>98</b>
<b>Aliança, da Usina do Queimado, o tricampeão campista consecutivo (1936-37-38) na era amadora .....</b>	<b>100</b>
<b>“Americamos”: 1º dérbi campista na Série B neste sábado</b>	<b>101</b>
<b>Goytacaz e Campos fazem o Clássico Vovô Campista.....</b>	<b>103</b>

<b>CAPÍTULO 4 .....</b>	<b>105</b>
<b>Uma viagem ao passado.....</b>	<b>106</b>
<b>Causos da Bola: Mulheres e tragédias de Garrincha .....</b>	<b>108</b>
<b>Botafogo x Flamengo: O Clássico da Rivalidade e das Goleadas Recíprocas .....</b>	<b>110</b>
<b>Uma “arena” com alma .....</b>	<b>111</b>
<b>Como em 89 .....</b>	<b>112</b>
<b>Purgatório Purificador .....</b>	<b>113</b>
<b>O surpreendente Botafogo! .....</b>	<b>116</b>
<b>O Botafogo e as Ditaduras.....</b>	<b>118</b>
<b>O Palito de Churrasco .....</b>	<b>119</b>
<b>Em 62, Botafogo ajudou o Brasil a conquistar o bicampeonato mundial .....</b>	<b>121</b>
<b>Botafogo e Seleção, uma parceria que já deu certo .....</b>	<b>122</b>
<b>O Botafogo e os botafoguenses se apaixonaram pela Libertadores .....</b>	<b>123</b>
<b>Nossa Senhora das Graças rogou por nós.....</b>	<b>125</b>
<b>CAPÍTULO 5 .....</b>	<b>127</b>
<b>O espírito do Maracanã.....</b>	<b>128</b>
<b>Campeonato Carioca cada vez mais da gema .....</b>	<b>129</b>
<b>90 anos do título carioca do São Cristóvão.....</b>	<b>130</b>
<b>O charmoso Campeonato Carioca mostra que é viável .....</b>	<b>132</b>
<b>O Charme dos Estaduais.....</b>	<b>133</b>

**A contribuição dos quatro grandes clubes cariocas para a  
história e o folclore do Futebol .....136**



## Prefácio

No começo dos anos 80 tive o privilégio de defender o Americano FC. Por dois anos. A seguir, fui jogar no Goytacaz FC. Ter vestido antes as camisas tanto de Fluminense quanto do Flamengo, nos ajudou a enfrentar esta poderosa rivalidade existente entre o clube do Parque Tamandaré e o clube da Rua do Gás. Passei pelo que o Scarpa e o Pedro estão passando, como traidores, não como profissionais, diante dos torcedores tricolores. Sobrevivi. Espero que eles consigam também.

Poucas são as cidades que vivem tão intensamente a magia do futebol como Campos dos Goytacazes-RJ. Seu calçadão ferve. Sua Boca Maldita amaldiçoa quem perde um pênalti num clássico desses. E onde se encontram as grandes rivalidades, emerge junto uma imprensa à altura. Que transmite e capta tudo à sua volta com a sensibilidade na ponta da caneta. Em um gramado de papel. Seja qual for o lado de quem segura ou fala ao microfone, ambos são craques. Da bola e da comunicação. Dentre os craques da nova comunicação campista, emergiu Wesley Machado. Eu o conheci em 2013 na cerimônia de premiação da terceira e última edição do Prêmio João Saldanha de Jornalismo Esportivo, uma grande sacada da Associação dos Cronistas Esportivos do Rio de Janeiro (ACERJ). Uma saudável competição a incentivar todos aqueles que escrevem sobre o futebol. Eram premiadas reportagens, livros e crônicas publicadas no ano anterior.

Quando recebi em casa o comunicado de que estava entre os três finalistas da Categoria Interior, fiquei muito feliz. E quando meu ex-presidente Francisco Horta, o Mestre de Cerimônias da festa, que aconteceu na sede histórica do Botafogo, anunciou que eu havia ganho a medalha de prata, fiquei admirado como se eu fosse um vascaíno orgulhoso de ser quase sempre o segundo melhor de uma competição, e não

carregar isto como uma sina que o envergonhe. Quem seria, pensei, o medalha de ouro? Wesley Machado ficou com a medalha de bronze.

Temos uma máxima no futebol: Perder faz parte, mas perder para quem se apresenta abaixo do patamar que sua equipe alcança, não faz parte. Portanto fui conferir a obra de Wesley, que eu considerava, que se não fosse eu o ganhador, era ele o merecedor do 1º lugar. Aprendi a admirar o talento desse jovem escritor. Desde então, tornei-me seu leitor. E com que honra recebi o convite para escrever este prefácio.

Esperem dele o melhor nesta obra. Wesley vive, como disse, numa cidade que se respira amor ao futebol, que produz junto histórias incríveis como muitas que por lá vivi. Certa vez Neneca, lateral direito do Americano, filho da terra e muito querido por todos, assinou seu primeiro contrato profissional. Soubemos, eu e o Totonho, os mais experientes, que ele iria comprar um carro Buggy. E fomos lhe aconselhar a comprar um terreno. Ia garantir melhor o seu futuro. Neneca foi rápido no gatilho: “Já decidi: vou comprar aquele que me levar no final de semana para Cabo Frio!”.

Fecha o pano. E abram o livro. Não vão se arrepender.

*José Roberto Padilha, o Zé Roberto, é Ex-Jogador de América de Três Rios-RJ; Esporte Clube Areal-RJ (ECA); Fluminense-RJ; Flamengo-RJ; Santa Cruz-PE; Itabuna-BA; Marília-SP; Americano-RJ; Goytacaz-RJ e Bonsucesso-RJ. Hoje Escritor, é autor dos livros: “Futebol: A dor de uma paixão”(1998 e 1989); “A Beira de um gramado de nervos”(2000); “Crônicas de um ex-jogador”(2006 e 2011); “Arquibaldo o Saudosista” (2013); “Crônicas de um fracasso anunciado” (2014); e “Memórias de um ponta à esquerda”(2017).*

# Introdução

## Minha vida com o Futebol

*10 de abril de 2020*

“Sei o quanto somos irritantes, o quanto devemos parecer malucos (...) Minha obsessão havia se transformado numa febre de bola.” Assim o autor cult, Nick Hornby, descreve sua paixão pelo Futebol no livro “Febre de Bola”, lançado em 1992 com o título original “Fever Pitch”.

O livro é uma ode ao Futebol, especialmente ao clube do coração do escritor, o Arsenal da Inglaterra. “Febre de Bola” conta a história da relação de Nick Hornby com o Arsenal e como os destinos do seu time caminham em conjunto com o desenrolar de sua vida em família, na escola, na faculdade, com os amigos e as namoradas.

Neste texto vou falar um pouco da minha relação pessoal com o Futebol, uma paixão que tomou conta da minha vida desde a infância. No dia 25 de agosto de 2019\*, um domingo, tomei a decisão de me afastar da função de coordenador de comunicação do Campos Atlético Associação, o popular “Roxinho”.

Minha relação com o Roxinho começou no ano de 1990, quando meu avô materno, Egenildo, me colocou na escolinha de Futebol do clube do Parque Leopoldina. Meu avô morava e tinha uma padaria no Parque Leopoldina e eu, então com nove anos de idade, morava com meus pais no bairro da Pecuária, vizinho ao Parque Leopoldina.

Da minha infância no Roxinho guardo poucas e boas lembranças, como dos treinos no “Campo do Campo”, como era chamado o estádio Ângelo de Carvalho. Tenho também

algumas lembranças dos jogos nos campos do Clube de Regatas Saldanha da Gama valendo pela Copa Jornal A Cidade, da qual fui bicampeão Sub 11, o famoso “dente de leite”, em 1991 jogando com a camisa 6 de lateral esquerdo titular improvisado pelo técnico Maguinho e seu auxiliar Artiles à medida que eu era destro.

Se no Roxinho eu usava a camisa 6, no Mesquitinha, time de pelada fundado por mim na Rua Professor Mesquita na Pecuária, eu usava a camisa 8, com a qual vi meu pai Fernando jogar no Madureira de Guarus. As cores do Mesquitinha foram escolhidas em homenagem às cores do Madureira de Guarus, Verde e Vermelha. Sendo que o Madureira de Guarus ainda tinha o branco e um uniforme similar ao do Fluminense.

A camisa do Mesquitinha, por sua vez, era vermelha com os números em verde, semelhante à da seleção de Portugal. O Mesquitinha fazia o clássico com o time chamado de “Outra Rua”. Chamávamos assim porque o adversário, que eu me lembre, não tinha nome. Este clássico, Mesquitinha X Outra Rua era disputado no campo conhecido como “Chiqueirinho”. Outro clássico era com o Cajuzinho, time do bairro vizinho, com o qual jogamos em casa no nosso “campo” de paralelepípedos.

Nesta outra rua tinha mais um campo na esquina, que depois virou uma grande loja. Na mesma rua tinha outro campo mais à frente, onde tive a oportunidade de jogar por uma seleção do bairro da Pecuária. Nosso time Mesquitinha chegou a jogar também no campo da Ilha do Cunha. Dos jogos/peladas com o Mesquitinha fui jogar no Sesi em Guarus, para onde foi o auxiliar técnico de Maguinho no Roxinho, do qual esqueci o nome.

O então técnico do Roxinho, Maguinho, foi treinar a AABB. Eu cheguei a comparecer à AABB para um treino. Mas,

não sei porque, não fui colocado para treinar. Portanto não voltei mais à AABB. No Sesi também fiquei pouco tempo. E voltei às peladas. Desta vez no campo da Escola Santa Terezinha, onde eu havia estudado. Ali no Santa Terezinha joguei peladas por muitos anos. O campo na contemporaneidade encontra-se abandonado, cheio de mato.

Cheguei ainda a jogar no juvenil do Madureira de Guarus, time onde meu pai jogou, mas também não dei seguimento. Uma frustração foi não ter sido chamado para entrar em campo no teste da escola de Futebol do Flamengo, realizado em Campos dos Goytacazes-RJ no campo do Santo Antônio do Bêco da Penha, no qual compareci.

A esta altura, salvo engano, eu já me considerava botafoguense por influência do meu pai botafoguense. Meu avô Egenildo, que já havia me dado camisa do Flamengo, queria que eu fosse flamenguista. Eu gostava da camisa do Fluminense, parecida com a do Madureira de Guarus e com a do Mesquitinha, time do qual eu era fundador, presidente e jogador.

Na antiga Escola Técnica Federal de Campos (ETFC) disputei os Jogos dos Calouros pelo time de futsal do curso técnico de Instrumentação Industrial, que eu cursava, tendo ingressado em 1996, ainda em meio à felicidade pelo título brasileiro do Botafogo no ano anterior. Fomos eliminados nos pênaltis pelo time de Química e eu fui um dos cobradores a desperdiçar uma cobrança de penalidade.

Já em 2002 disputei as Olimpíadas Estudantis da Universidade Federal Fluminense (UFF) no campus do Gragoatá em Niterói, onde cursava a graduação em Comunicação Social com habilitação em Cinema & Vídeo. Neste campeonato de futsal fui muito bem, marcando quatro gols em dois jogos,

sendo três na vitória por 3 a 2 de virada sobre o time dos nossos veteranos.

Voltando um pouco no tempo, antes de eu ir para Niterói estudar Cinema, joguei por muitos anos uma pelada no campo do Parque Rodoviário, atrás de onde, na contemporaneidade, está situado o Boulevard Shopping. Ao voltar a Campos em 2003 cheguei a jogar mais algumas vezes neste campo, mas me fixei mesmo na “Pelada do Sacola” no Sindicato da Cedae.

Joguei um torneio no Clube Folha Seca, de gramado sintético, no qual cobrei o pênalti decisivo que garantiu vaga do nosso time na final do campeonato, que não pude disputar por estar machucado. Em 2004, ainda em boa forma, joguei um amistoso pelo time do PMDB na localidade de Vila Nova, onde atuei como lateral direito titular tendo como técnico novamente Maguinho. Nesta partida goleamos, salvo engano, por 4 a 0.

Passaram-se os anos, eu casei, tive duas filhas, engordei, mas ainda cheguei a bater umas bolinhas em algumas peladas, como as da Associação de Imprensa Campista (AIC) e da Câmara de Vereadores de Campos. Ah – já ia esquecendo –, em 2009 disputei a Copa dos Servidores da Prefeitura de Campos pelo time da Fundação Cultural Jornalista Oswaldo Lima (FCJOL), da qual eu – já formado em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo pela antiga Faculdade de Filosofia de Campos – era assessor de comunicação. Mas foi um desastre. Eu, já bem acima do peso, tive de jogar na zaga e nosso time foi goleado sendo eliminado. Uma das meninas que estava na torcida disse que eu não havia comprometido. Mas ali foi a senha para eu parar.

Voltei a jogar peladas em 2016 no campo de gramado sintético da Praça dos Ciganos no Julião Nogueira e fui bem,

tendo feito muitos gols numa fase bem artilheira. A boa fase foi interrompida por uma contusão na coxa direita após uma jogada de velocidade que fiz pela esquerda na qual um adversário me deu um carrinho e me quebrou. Fiquei parado algumas semanas, tentava voltar, mas sempre que voltava sentia e daí parei de jogar Futebol.

Outro motivo para eu não ter mais contato com a bola é a fisgada que sinto no joelho direito, ainda de uma contusão de 2005, ano em que conheci minha esposa Nilcea, razão pela qual lembro exatamente do ano da contusão. Outro fator é claro a obesidade, que dificulta a prática do esporte, o qual tanto amo.

Vejam que minha trajetória como “jogador” de futebol foi muito modesta, era um sonho. Isto pode explicar o fascínio que tenho pelo esporte mais popular do mundo. A frustração de não ter realizado o sonho de ser jogador de futebol, comum a muitos meninos mundo afora. Mas agora vamos ao outro lado. O lado da minha participação dentro do meandro do Futebol como colaborador do Roxinho, sobre o qual comecei a escrever no início deste capítulo, explicando a minha forte relação com o clube.

Em 2007, eu cursava o 6º período da faculdade de Jornalismo e passava todos os dias de ônibus em frente ao “Campo do Campo”, como eu conhecia o estádio Ângelo de Carvalho no Parque Leopoldina. A faculdade ficava na Avenida Alberto Torres, próximo à sede do Roxinho. Certo dia eu vi que o escudo do Roxinho foi apagado do muro da frente do estádio. Foi então que eu decidi descer para adentrar o lugar onde passei uma parte da minha infância.

No estádio encontrei um clube abandonado. Estavam vazias e sujas as piscinas nas quais brinquei de “Tubarão”, uma brincadeira parecida com a de “Pique-Pega” onde uma pessoa tem de “colar” a outra dentro d’água enquanto ela não está

encostada no canto da piscina. Do outro lado, onde fica o tradicional portão da bilheteria, um matagal tomava conta.

Meu primeiro contato nesta volta ao Roxinho foi com o técnico das categorias de base, Randal Turrini, com o qual fiz amizade. Ali já havia decidido que ia pesquisar sobre o Roxinho para a minha monografia. Devido a esta escolha, a minha relação com o clube, que já era de carinho pela infância vivida ali dentro, se intensificou nos anos seguintes.

Em 2008 o Roxinho chegou às finais do Campeonato Campista nas categorias Infantil (Sub 15) e Juvenil (Sub 17). Na semana das decisões eu comprei uns santinhos de papel de São Benedito, padroeiro do clube e, com a autorização de Randal, distribuí entre os jogadores. A superstição deu sorte e fomos campeões nas duas categorias. Eu não pude comparecer aos jogos finais, pois estava trabalhando naquele final de semana. No fim de 2008 apresentei e defendi meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) sobre o Roxinho.

Em 2009, já formado, tornei-me uma espécie de assessor de comunicação voluntário e não remunerado do Roxinho. Escrevia algumas matérias pontuais e enviava para serem publicadas nos jornais de Campos. Na época ainda existia o Monitor Campista e O Diário, que publicaram algumas matérias, assim como a Folha da Manhã.

Por falar em jornais, esqueci-me de dizer que pesquisei sobre a história do Roxinho nos jornais antigos encontrados no Arquivo Público Municipal em Tócos; no próprio acervo do Jornal Monitor Campista, então ainda instalado na Rua João Pessoa no Centro; no Porão do Palácio da Cultura, ainda em atividade; e no acervo da Liga Campista de Desportos (LCD) na Alberto Torres no Centro.

Voltando a 2009, neste ano fui a vários jogos das categorias de base do Roxinho, inclusive nas quartas de final

num campo de um bairro em Guarus, do qual não me recordo bem o nome; nas semifinais no campo do Rio Branco no Parque Calabouço e nas finais no campo do Santa Cruz, onde fomos derrotados nas duas categorias.

Pula para 2012, ano do centenário do Roxinho, quando eu lancei meu livro com base na pesquisa para a monografia. Foi um evento muito bonito, que teve a presença de toda minha família e ficou bem guardado na memória. No mesmo dia do lançamento do livro eu joguei o Jogo do Centenário, no qual quase marquei um golaço após driblar vários adversários e chutar a bola na trave.

Em 2013 eu consegui trazer ao Roxinho o ex-jogador Afonsinho, que havia disputado um amistoso pelo time do Parque Leopoldina contra o Palmeiras em 1974. Por sugestão minha foi produzida uma camisa retrô de Afonsinho e com a venda das camisas paguei a ele o cachê pela sua presença ilustre. Na oportunidade, quando o paguei em dinheiro no vestiário após o jogo festivo, Afonsinho disse para mim uma coisa que nunca vou esquecer: “Você seria um bom cartola”.

Pula para 2015, quando o Roxinho se profissionalizou para disputar a Série C do Campeonato Carioca. Até então eu vinha colaborando com o clube sem receber dinheiro pelos serviços prestados. Decidi então me posicionar e acordar um valor para continuar trabalhando.

Passados quatro meses e sem ainda receber pelos serviços, sendo que já vinha trabalhando voluntariamente sem remuneração desde 2007/2008, decidi deixar a assessoria de comunicação do Roxinho a poucos dias do início do campeonato. Neste ano de 2015 cheguei a comparecer a uma partida do time na Série C do Carioca. Mas acompanhei de longe o certame no qual a equipe logrou êxito com uma bela campanha invicta e conseguiu o acesso para a então Série B.

Na Série B em 2016 fui a mais jogos enquanto torcedor. Após o acesso para a Série “A” no final do ano iniciei com o colega Gabriel Torres, também torcedor, o Blog do Roxinho, que durou menos de três meses. Mas em dezembro de 2016 consegui com um colega produtor do programa da TV Globo Rio (Globo Esporte), botafoguense como eu, uma reportagem sobre o Roxinho, que foi ao ar em janeiro de 2017 e foi um sucesso.

Ainda em 2017, após a não classificação do Roxinho para a Série A – reinventaram uma seletiva no ano que o clube jogaria com os grandes – e a volta para a segunda divisão, que na prática passou a ser a terceira, fui consultado, enquanto conselheiro do clube, sobre a possibilidade do clube desfazer a parceria com o Carapebus e se filiar com o próprio nome na federação, iniciativa da qual fui favorável.

Então o clube teve de disputar a Série C, que com a criação da Série B2 agora era a quarta divisão, mas na prática a quinta, considerando que a seletiva era a segunda. Fui convidado para assumir a diretoria de Marketing do clube, mas não aceitei porque disse que só aceitaria se fosse remunerado e não cheguei a um acordo.

Para não parecer que a questão era apenas financeira, explico que ainda em 2015 o fato de eu ter divulgado que o Roxinho jogaria com o CNPJ do Carapebus criou um mal estar – a verdade depois viria à tona – e eu já me sentia desgastado. E também pelo fato de, naquele momento, não considerar que aquele seria o verdadeiro Roxinho.

O mesmo motivo, desgaste, fez com que eu – como afirmei no início do texto – decidisse não mais continuar na função de coordenador de Comunicação do Roxinho. Nos mais de seis meses que fiquei efetivamente convivendo com a

realidade do clube e do Futebol mais de perto vivi situações que só me fazem me desencantar com o Futebol.

São várias as situações que são desestimulantes para quem gosta do Futebol. A começar pela forma como o clube é administrado, de uma maneira amadora. Aí eu uso amador no sentido pejorativo da palavra. Afinal eu também, apesar de ser muito profissional no que faço, posso me considerar um amador, porque amo o Futebol e amo o que faço. Mas, diferente do amor pela minha esposa, com a qual pretendo ficar até o fim da minha vida, o amor pelo Futebol e conseqüentemente pelo Roxinho, sofre com golpes de ingratidão.

Dediquei-me muito ao Roxinho desde aquele dia em que decidi descer do ônibus a caminho da faculdade, a poucos metros de onde eu estudava. Aquela ação de adentrar ao clube fadado à morte mudou meu destino e por que não dizer mudou o destino do clube, agora modéstia à parte. Afinal, meu orientador na graduação, professor Orávio de Campos, disse após a publicação do livro do Roxinho no centenário do clube em 2012 e a volta do clube às competições profissionais em 2015, que eu fui um visionário.

Acredito sim que eu tenha tido uma parcela de contribuição para o ressurgimento do Roxinho, que ainda agoniza em meio a muitos problemas financeiros e administrativos. Mas penso que já contribuí muito para o clube e me afastei temporariamente do Roxinho e do Futebol. Neste meio tempo tenho me envolvido com o Futebol em doses homeopáticas, afinal o Futebol e o Roxinho são uma cachaça, que faz bem e faz mal ao mesmo tempo.

Por tudo isto que fico com a mensagem de que o Futebol sempre vai fazer parte de mim. Eu acredito que nunca vou o abandonar de vez. Só pretendo não me envolver tanto,

afinal o Futebol consome minhas forças e meu tempo. Às vezes tenho alguma alegria, como numa vitória do Botafogo ou do Roxinho. Mas as coisas erradas que vi de perto fazem me desiludir com o Futebol e crer que o saudoso ex-cronista e dirigente esportivo Josélio Rocha deveria estar com certa razão quando sentenciou: “O Futebol é uma imundice”.

Apesar de todo este desencantamento com o Futebol, ainda considero o Futebol como de grande importância cultural para as pessoas que enxergam no esporte mais popular do mundo um sentido para suas vidas. Pessoas estas que dedicam a vida aos seus clubes do coração, frequentando estádios de Futebol, consumindo produtos do seu time, por vezes até discutindo e abalando amizades por conta de divergências clubísticas. Este mesmo Futebol é capaz de unir pessoas antes desconhecidas, como num abraço após um gol no estádio. O Futebol estreita laços de afeto. O Futebol cria assuntos para conversas entre pais e filhos, irmãos, marido e esposa, amigos pessoais, colegas de trabalho, de escola, de faculdade, de universidade, enfim, o Futebol tem um grande poder. Por isto mesmo é que o Futebol precisa ser estudado e compreendido enquanto fenômeno social que é.

*\*Acabei fazendo minha “despedida oficial” do Roxinho no dia 27 de outubro de 2019 quando realizei as homenagens do 1º Prêmio Leão da Coroa, organizado por mim.*

# CAPÍTULO 1

## UMA VIDA DE FUTEBOL



*A bola rola mansinha e procura o gol beijando a grama verdinha molhada  
(Foto: Wesley Machado)*

## **Minha primeira e única partida pelo Madureira de Guarus**

*10 de março de 2018*

O Madureira de Guarus é um tradicional clube amador da cidade de Campos dos Goytacazes-RJ, fundado no dia 26 de março de 1939. O campo do time fica localizado no Parque Jardim Carioca, onde existe uma comunidade.

Meu pai, Fernando, morou perto da comunidade Madureira e jogou no time de lá no início dos anos 80. E eu, ainda bem criança ia assisti-lo jogar. Daí veio meu apreço pela camisa tricolor, igual à do Fluminense.

Se meu avô materno, Egenildo, queria que eu fosse flamenguista e meu pai queria que eu fosse botafoguense, na verdade eu na época de criança queria mesmo era ser tricolor, pela beleza da camisa a qual admirava.

Assim como meu avô paterno, também Fernando, tricolor, jogou apenas um jogo pelos Aspirantes do Roxinho no Estádio da Vitória, do São José de Goytacazes, contra o time da casa; eu também atuei apenas uma vez pelo juvenil do Madureira de Guarus, também fora de casa contra o Ceasa, no campo do Ceasa na BR-101.

Não tinha muitas lembranças desse dia. Mas eis que encontro em 2014 na Festa do Santíssimo Salvador com meu amigo do colégio Bartholomeu Lysandro, onde estudamos da 5ª à 8ª série. Ney Paulo me contou da fatídica partida. Salvo engano, tínhamos ido para o jogo de bicicleta pela BR.

Ney Paulo me lembrou ainda que o técnico do time era paraguaio ou uruguaio, sei lá. Seu apelido era Bambino. Ney Paulo me chamou para jogar esse jogo e eu fui. Era um amistoso preparatório para a temporada, não lembro de que ano exatamente, mais sei que foi na segunda metade da década de 90.

Segundo Ney Paulo, o goleiro faltou e o técnico perguntou quem pegava no gol e eu, de estatura baixa, me

ofereci para agarrar. O jogo virou 1 a 0 para o adversário, mas de acordo com Ney Paulo o gol deles não foi por culpa minha.

No intervalo, Ney Paulo disse que falou com o técnico que eu era bom lateral direito e o treinador me colocou na minha posição. Eu acabei fazendo o cruzamento para o gol do empate em 1 a 1 fora de casa. Mas nunca mais voltei. Eu era mesmo era peladeiro.



## **Poderia ser com um de nós**

*30 de novembro de 2016*

Terça-feira, dia 29 de novembro de 2016. 9h38. Telefone toca. Número do meu pai. Minha mãe na linha: “Acordou agora?”. Estava acordado, mas acabei de levantar. “Coloca na Globo News. Aconteceu uma tragédia com o avião da Chapecoense...” Mais algumas palavras e eu já estava transtornado.

Não liguei logo a tv. Fui ver as mensagens no Whatsapp. Em um grupo relacionado a Futebol, as mensagens já davam conta do acidente fatal. Li por alto e fui tomar um banho. Ao sair do banho, logo liguei a tv. E começaram a surgir as notícias enquanto me arrumava para sair.

Mudei roupa, meu pai passa na minha casa para deixar um dinheiro para eu fazer uns exames. Não posso ir com ele pois minha comadre, que fica com minhas filhas, ainda não havia chegado.

Decido então assistir aos programas televisivos e aquilo me corrói por dentro. A cada nova informação, o sentimento de

tristeza e dor vai aumentando, até que vejo a imagem da única pessoa que conhecia pessoalmente, o jornalista botafoguense Guilherme van der Laars, com quem ganhei um prêmio no Botafogo em 2015.

Era o momento mais crítico para mim, quando me deparei com a realidade daquela tragédia, por ser uma pessoa da minha profissão. Foi uma luta para sair de casa. Mas fui trabalhar, voltei, mais programas televisivos, internet, muita informação, algumas desconstruídas, faço um lanche com meus pais e vou dormir.

A dificuldade para pegar no sono foi imensa. Veio à minha cabeça que em 2011, quando fui à cidade do Rio de Janeiro para fazer uma prova para professor de Redação do Pré-Vestibular Social do Centro de Educação à Distância do Estado do Rio de Janeiro (Cderj), a Fox Sports – uma das emissoras que perderam mais profissionais no desastre aéreo da Chapecoense, emissora recém-chegada ao Brasil – estreou no país em 2012, estava fazendo uma seleção num shopping. Lembrei que na oportunidade cheguei a querer participar da seleção, mas acabei não indo. Pensei que poderia ser eu um daqueles jornalistas que estavam no voo da morte.

Viajei de avião apenas uma vez e sempre tive medo de estrada. No domingo encerrei as atividades do Blog do Roxinho, que criei junto do amigo Claudio Tadashi e do colega Gabriel Torres. O encerramento das atividades se deveu pelo não acordo financeiro com o clube por um projeto de Assessoria de Comunicação apresentado por uma equipe da qual eu fazia parte.

Deus é poderoso. Sinceramente, a não efetivação do projeto da Ascom do Roxinho para mim foi um livramento, porque assim não terei que enfrentar viagens para fora, o que sempre me deixa preocupado, assim como minha família, que

sempre me pressionou quanto ao fato de estar me dedicando para algo que não me dava retorno financeiro.

Vamos fazendo e conhecendo nosso destino aos poucos. Já pedi várias vezes a Deus para receber com glórias as almas dos que partiram. É um momento de imenso pesar, de sofrimento, mas ao mesmo tempo de alívio por ainda estar vivo em meio a essa selva que é a vida.



## Bastidores de uma peleja

*12 de maio de 2016*

Nós que militamos pela cultura do Futebol sabemos que o esporte mais popular do mundo é mais que um jogo. Que a graça do Futebol está muito também no que acontece entre o fim de uma partida e o início de outra. As histórias fora das quatro linhas.

Assistir a um jogo de futebol no estádio reúne experiências como trocar uma ideia com um torcedor veterano até se esgoelar no alambrado. E assim foi o jogo Goytacaz e São Cristóvão nesta quarta-feira no campo do Campos, no Parque Leopoldina.

Dois clubes tradicionais. O São Cristóvão, campeão carioca da 1ª divisão em 1926 e 1937, que tem o estádio mais antigo do Rio de Janeiro, que está completando 100 anos em 2016; e o Goytacaz, de uma torcida apaixonada e sofrida.

O São Cristóvão é o único time do planeta que só usa um uniforme, todo branco. Não tem segundo uniforme. Chegou

a jogar de rosa, mas segue a tradição de só atuar todo de branco. O goleiro todo de preto.

Mas vamos aos detalhes da peleja. Passei no restaurante do Luiz, próximo ao estádio, para tirar uma foto do bonequinho mascote do Goyta, o curumim, uma raridade que o Luiz tem e expõe com orgulho.

Adentrando o estádio Ângelo de Carvalho logo avistei o Tadashi e o Lucas, ambos com a camisa do Goytacaz. Logo me acenou da arquibancada o Wilson Carlos, diretor da Liga Campista de Desportos (LCD), torcedor fanático e colaborador do Roxinho.

Olhei para o banco do São Cristóvão e reconheci um baixinho, que não me era estranho. Gritei: “Luisinho”! Ele olhou. Perguntei: “É Luisinho Quintanilha”? Ele respondeu: “Sim”. Chamei-o para tirar uma foto.

Luisinho Quintanilha foi o autor do passe para Mazolinha, que fez o cruzamento para o gol de Maurício na final do Carioca de 1989 em que o Botafogo se sagrou campeão em cima do Flamengo, encerrando um jejum de mais de 20 anos sem títulos oficiais. Luisinho, que também jogou no Vasco, agora é técnico do São Cristóvão.

Neste meio tempo, Lucas e Tadashi se dirigiram para as arquibancadas do meio de campo. Eu fui me sentar na reta do escanteio ao lado de Wilson.

Ao nosso lado na arquibancada estava o ex-jogador do Goytacaz na década de 50, Coloral, que afirmou ter jogado com o lendário Rebolinho, que também atuou pelo Campos.

Wilson também me apontou para Madruga, ex-presidente do Goytacaz entre 1988 – ano do álbum Times do Rio – e 1992 – último ano do Goyta na elite.

O jogo já rolava e só depois fui perceber que o Goytacaz já estava com um homem a menos. Luquinha havia sido expulso.

Mas logo depois um zagueiro do São Cristóvão também foi expulso e as duas equipes ficaram com 10 jogadores.

Intervalo e tempo para comer um tradicional salsichão.

No segundo tempo fui ver o jogo com Tadashi e Lucas. Este último estava animado com a estreia da nova torcida do Goyta, a Barra Brava Tribo 1912.

Mas a torcida do Goytacaz é muito impaciente. Começa a reclamar do time já nos primeiros minutos.

Tentei incentivar os jogadores, no que fui acompanhado de outro, mas a maioria mesmo queria criticá-los e xingá-los.

O jogo terminou sem gols, mas valeu a tarde de encontros e, principalmente, a resenha, claro.



## **Crônica de um artilheiro apaixonado**

*27 de agosto de 2016*

Domingo, 8 de dezembro de 2002, Rio de Janeiro-RJ.  
Moicano compra o jornal O Fluminense e o lê enquanto espera

a barca para Niterói. Naqueles intermináveis instantes, ele pensa em como conseguiu ficar tanto tempo sem fumar maconha.

Acordara cedo, tomara um café da manhã caprichado e partira rumo ao campus da Universidade Federal Fluminense (UFF) onde disputaria pelo time de Futebol de salão da turma do 3º período de Comunicação Social as Olimpíadas da UFF.

A equipe havia realizado um treino no gramado em frente aos prédios do Gragoatá e Moicano havia se saído muito bem, tendo feitos vários gols numa peladinha de gol fechado. O amigo e ao mesmo tempo rival na azaração com as garotas, Alemão, chegou a comentar que Moicano levava muito à sério o jogo, que era para ser apenas uma brincadeira.

No dia marcado, Moicano estava lá. Sem saber que os jogadores haviam combinado de cada um levar uma camisa da cor laranja para ser usada como uniforme, Moicano foi com a camisa do seu clube do coração, o Botafogo, que naquele ano já havia sido rebaixado para a 2ª divisão do Campeonato Brasileiro.

Foi Moicano chegar com a camisa do Botafogo e começaram as chacotas. Mas Moicano não se deu por vencido. Foi para a primeira partida com a camisa da estrela gloriosa. Nos pés, um tênis Adidas azul comprado na feira da Praça XV. Foi bem até certo ponto. Fez dois gols, mas foi expulso de quadra por ter puxado por trás a camisa de um adversário que armava um contra-ataque após um companheiro entregar infantilmente a bola. Sem ele, o time acabou perdendo a partida.

O próximo jogo seria contra o 4º período de Comunicação, justamente a turma que havia aplicado o trote na turma de Moicano. A responsabilidade ainda seria maior

porque no 4º período estudava a garota por quem Moicano havia se apaixonado desde o primeiro dia de aula, Linda.

A peleja começou e a equipe de Moicano levou logo dois gols. Para piorar, o tênis de Moicano arrebentou e ele teve de jogar descalço no chão quente. Mas Moicano não se abalou. Como se estivesse possuído por um demônio, Moicano destruiu o jogo. Fez três gols, o último deles um golaço no finzinho da partida, garantindo a vitória de virada.

O resultado não classificou a equipe do 3º período para a próxima fase. Foram eliminados no saldo de gols. Mas Moicano foi muito festejado pelos cinco gols no torneio, em especial pelos três gols da vitória sobre os rivais. Ao final, não arrumou nada com a Linda, mas saboreou um charuto cubano a La Fidel Castro e tascou uma beijoca na Yoko Ono.



## A camisa da sorte

*28 de julho de 2016*

Domingo, de manhã. Era mais uma volta minha à Pelada Antigos Craques, depois de um tratamento mal feito de um estiramento na coxa direita. Da última vez que tinha voltado, ainda não estava totalmente recuperado e joguei mancando. Desta vez, me sentia mais à vontade.

No aquecimento antes de começar a pelada, fui tentado a chutar uma bola de longe, mas resolvi não forçar. Fui escolhido por Rodrigo, dono do Time Verde, o mais badalado da pelada. O Time Verde ficou bem escolhido. Ainda tinha Zezé, o armador das jogadas; e Davi, um motorzinho, que apóia e volta

para ajudar na defesa. Mas perdemos a primeira pelada para um time inferior no papel. Talvez pelo excesso de confiança. Ficamos na cerca. E quando voltamos, foi a minha vez de resolver.

Eu já tinha reparado que toda vez que visto uma camisa do Botafogo não faço gol. Desta vez, relutei em colocar uma camisa do Botafogo. Mas estava frio. E escolhi a de manga comprida. E tive uma ideia. Estrear a camisa do Museu da Pelada, que havia ganhado do Sergio Pugliese.

Coloquei a camisa do Museu da Pelada por cima da camisa de manga comprida do Botafogo. E decidi jogar na frente. Em dois lances decidi a pelada a favor do Time Verde. Dois gols que definiram a partida. Um deles driblando o goleiro. Todos os dois com assistência do garçom Zezé.

Estou até agora curtindo aquela manhã de artilheiro. Não chego nem perto do artilheiro da Pelada Antigos Craques, Juninho, que tem algumas dezenas; mas estou no mesmo ritmo de Thiagão, o rei dos gols de cobertura.

Coincidência ou não, nesta pelada em que marquei dois gols, Jean, que foi pai pela primeira vez recentemente; e Paulinho marcaram seus primeiros gols. Eles que tentavam desencantar há tempo.

Agora dá-lhe gelo, arnica, diclofenaco e até injeção para tratar a coxa inflamada que chegou a ficar com um hematoma. Não sei quando vou voltar a jogar, mas bem que esta seria uma boa oportunidade para eu pendurar as chuteiras. No alto dos meus 35 anos e de bem com a bola.



## A volta de Amaro Furacão

*13 de maio de 2016*

- Foi a melhor manhã que eu passei nos últimos anos. Foi muito bom. Gostei muito – disse Amaro Martins, de 72 anos, que depois de aproximadamente 30 anos voltou a jogar bola no domingo (1<sup>o</sup>), Dia do Trabalhador.

Ele era conhecido como Amaro "Furacão" na época em que jogava no Banguzinho de Mombaça, time amador da cidade de Campos dos Goytacazes-RJ. Amaro era camisa 7, antigo ponta direita, e aterrorizava as defesas adversárias com sua velocidade e habilidade.

O Banguzinho disputou muitos campeonatos na chamada Baixada Campista na segunda metade da década de 70, quando o Futebol Campista era forte, com os clubes profissionais Americano e Goytacaz participando dos campeonatos nacionais da primeira divisão.

Ex-bancário, Seu Amaro Martins atualmente trabalha como chefe de gabinete do presidente da Câmara Municipal de Campos sem sua segunda legislatura e pré-candidato a prefeito da cidade, o médico Dr. Edson Batista, vereador por cinco mandatos, com quem Seu Amaro Martins trabalha há mais de 20 anos.

O saudoso ex-jogador Sócrates afirmou certa vez que: "não é o jogador que larga o futebol, é o futebol que larga o jogador". Mas a bola insistiu em não largar Amaro "Furacão" Martins.

Com uma camisa do Fluminense, o setentão chegou animado. Aqueceu, bateu bola e mostrou que tinha intimidade com ela. Foi para a partida. Deu a saída e jogou por 10 minutos, para espanto dos demais, que ficaram impressionados ao saber sua idade. Os comentários depois da pelada giravam em torno

dele. Ninguém podia acreditar que uma pessoa com mais de 70 anos poderia jogar bola ainda.

Mas o bem cuidado Amaro Martins mostrou que idade não é problema. Com um bom físico, melhor do que muito marmanjo, correu, chutou, deu passe. Precavido, preferiu não exagerar na dose. Já havia dado a honra àqueles rapazes de meia idade de atuar ao lado de um senhor de cabelos brancos. Pediu para se retirar. E todos foram o cumprimentar. Aquele dia já havia entrado para a história.



## **Câimbras e Frangaços**

*10 de junho de 2014*

O banheiro não tinha água. O campo não tinha luz. A pelada estava atrasada. Alguns pensavam em desistir. Mas eu insisti. Vai ter jogo! Vesti o uniforme. Camisa, short e até cueca

da Adidas. Falsificados, claro. Esqueci um meião. O tênis emprestado pelo artilheiro Check. Será que vai dar sorte?

Antes da partida, Wellington e Romualdo tomam uma cerveja. Uma não, várias. Rodrigo Florêncio fuma um cigarro. Ricardo Avelino, Bruno Botafoguense, filho da sambista Lene Moraes e eu usamos óculos – Leandro Nunes usa lente.

É a primeira vez que vou jogar de óculos. A luz é pouca e minha miopia pede um foco. Os refletores do lado direito, que estavam apagados, se acendem assim que entramos em campo – o gramado é sintético, mas prefiro o termo campo, mais propício ao futebol, do que quadra.

Vai começar o espetáculo! Gordinhos, altões, barbudinhos, quatro olhos, jovens e coroas desfilam suas categorias. Um domínio de bola perfeito. Um chute no ângulo. E até uma bicicleta! Também têm furadas incríveis! Mão na bola! Goleiro levando gol por debaixo das pernas.

Esta é a Tradicional Pelada Anual da Imprensa, que pelo quinto ano consecutivo foi realizada no Clube Folha Seca (Uma homenagem ao campista bicampeão mundial, Didi), como parte da programação – e um dos pontos altos – da Semana da Imprensa da Associação de Imprensa Campista.

Depois de duas partidas, uma vitória para cada lado, a resenha no bar, a melhor parte da festa. Risos, gargalhadas com as histórias do folclórico Check, peladeiro de 58 anos de idade, que contabiliza mais de três mil gols na carreira de mais de 40 anos, que inclui jogos de futebol amador e duas peladas semanais.

Só nesta Pelada Anual da AIC, de sexta à noite, foram nove gols marcados por Check. E olha que ele ainda perdeu um pênalti, fora outros gols feitos. Mas se Check não é um craque, é incontestável que ele é goleador. Sabe se posicionar bem e está sempre no lugar certo na hora certa.

Como não podia ser diferente, o último gol, o da vitória do time de preto, que encerrou a pelada foi dele, Check, em passe deste que vos escreve. Check saiu satisfeito. E pronto para mais uma.

Entre bolas cheias e bolas murchas, salvaram-se todos!



## **CAPÍTULO 2**

# **FUTEBOLA**



*O futebol amador alegra os fins de semana dos apaixonados pela bola em campos esquecidos (Foto: Wesley Machado)*

# O jornalista esportivo e o mito da imparcialidade ou Em defesa de Mauro Cezar

*10 de outubro de 2016*

O fato de Mauro Cezar Pereira, comentarista da ESPN, ter sido forçado a assumir que torce para o Flamengo, depois que vazou uma foto dele na torcida do rubro-negro no Pacaembu, no jogo deste domingo contra o Santa Cruz, trouxe de volta à tona o tema da imparcialidade no jornalismo, neste caso mais especificamente em relação ao profissional que trabalha com Futebol.

Na abertura do Linha de Passe desta segunda-feira, programa do qual Mauro César participa, o comentarista Juca Kfoury, assumidamente corintiano, afirmou que achar que jornalista não tem time é acreditar em Papai Noel. O comentarista Paulo Vinicius Coelho (palmeirense), atualmente no Fox Sports e na Rádio Globo, já havia dito que o que leva um futuro jornalista a gostar de Futebol é o fato de torcer para um time.

Nada disto é novidade. O jornalista Roberto Assaf (nunca escondeu ser flamenguista) já havia escrito em crônica do Jornal O Lance que todo jornalista tem um time. É o óbvio ululante, como diria Nelson Rodrigues, tricolor fanático, que não se furtava em enaltecer outros clubes. Mas o assunto ganhou uma proporção devido à fama de Mauro César, um dos jornalistas esportivos mais respeitados da imprensa brasileira e um dos maiores formadores de opinião junto aos apaixonados por Futebol, justamente por ser ele um adepto das Barras, dos

sinalizadores, das canchas, dentre outras peculiaridades que fazem do Futebol algo genuíno.

Não vai ser porque Mauro se declarou flamenguista – por mais que eu já soubesse – que vamos deixar de apreciar seus comentários abalizados. Mauro, assim como o era Trajano, não tem papas na língua. Fala o que pensa. E por isto incomoda muitos. Até mesmo eu, que agora o defendo, já me irritei com seus comentários. Precisamos entender que os catedráticos, como eram chamados os cronistas esportivos antigamente, analisam nosso time de acordo com o resultado. É diferente do torcedor, que ama o clube na vitória ou na derrota. O torcedor é apaixonado. O comentarista precisa ser racional. Mas nem tanto imparcial, afinal o que pensa, fala ou escreve está relacionado com as escolhas que faz. Afinal, imparcialidade é relativa. E esta já é outra história que exigiria mais um bocadinho de texto.



## **Brasil agora vai ter Futebol todo dia**

*8 de junho de 2016*

“Quando é dia de Futebol” é o título de um livro do poeta Carlos Drummond de Andrade, que reúne crônicas do autor, considerado um dos principais escritores do país.

Agora podemos dizer que no Brasil todo dia é dia de Futebol. A novidade do Brasileirão este ano serão os jogos às segundas.

Aí um engraçadinho vai dizer: “Quem joga na segunda é o Vasco”.

Nada disto. Estou falando das segundas-feiras, dia da semana em que em outros países, como a Argentina e a Inglaterra, já é uma tradição a bola rolar normalmente.

Inclusive na Premier League, alguns jogos de segunda-feira são marcados para serem os principais da rodada.

Então fica assim: Sábado, domingo, segunda, quarta e quinta: Brasileirão Série A. E terça e sexta, além do sábado também – o único dia em que coincidem as duas divisões: Brasileirão Série B.

Em 2015, a novidade foi os jogos às 11 horas da manhã de domingo. Os jogos às segundas-feiras, às 20 horas, no Brasileirão da Série A começarão a ser realizados a partir da 13ª rodada, no dia 4 de julho... (?)



## **O dilema de escolher entre o cabeça de área que só sabe marcar e o volante que sabe jogar**

*22 de setembro de 2015*

Antes chamavam cabeça de área, para alguns cabeça de bagre, hoje volântão. A posição de primeiro homem do meio campo, aquele que fica à frente dos zagueiros, é uma grande incógnita. Há os que defendem que o volante precisa saber passar bem a bola, chegar à frente com qualidade para, quem sabe, até finalizar. Mas existem técnicos – e times – que ainda precisam de um cabeça de área à moda antiga, daqueles que

destrói, mesmo que não saiba o que fazer com a bola depois, o famoso “rouba e entrega”.

Mas por que será que este tipo de jogador é tão importante para a equipe, o marcador cão de guarda? Há casos em que a ausência dele tendo no lugar um jogador que saiba jogar, que tenha intimidade com a bola, que não se desespere na ânsia de se livrar da pobre coitada, que deveria ser melhor tratada, pois bem, em alguns casos, a troca de um pelo outro resulta numa melhor eficiência do meio campo, setor de fundamental importância para um time que queira ir longe num campeonato.

Vejamos o caso do Vasco, que vinha numa sequência ruim e agora emendou quatro partidas sem perder. Alguns já estão atribuindo a melhora do Vasco à saída da equipe do volante argentino Pablo Guiñazu, que é deste tipo de jogadores muito voluntarioso, mas que acaba atrapalhando o time às vezes com muita vontade e pouca objetividade. Mas logo ele, que foi tão importante nos dois jogos das finais do Carioca em que o Cruzmaltino ficou com o título e também na última de mais uma vitória no grande clássico contra o Flamengo.

Seria leviano aqui culparmos apenas um jogador pela má fase de um time. Claro que uma primeira vitória foi importante para que o Vasco iniciasse sua recuperação. Mas não há como negar que a saída de Guiñazu acabou calhando numa melhora do time, que como costuma se dizer, ficou mais tranquilo sem ele. Há jogadores que realmente agitam a equipe. Este tipo de jogador pode até funcionar em clássicos, mas quando o time joga em casa contra um time menor e tem a necessidade de criar com mais calma, acaba jogando contra.

O ideal é que se tenha jogadores de meio-campo que combinem o poder de marcação com a capacidade criativa de fazer jogadas, como são os casos de jogadores como o

argentino Mascherano, do Barcelona; e mais ainda Toni Kroos, do Real Madrid, este último que foi a grande sensação da posição na mais recente Copa do Mundo. Mas no Brasil ainda predominam os legítimos pit bulls, que só sabem maltratar a bola e os adversários.

Um bom exemplo de jogador que percorre todas as faixas do campo, do próprio Corinthians, é Elias, que sai de trás e chega na frente, por vezes para marcar, não a bola ou um adversário, mas gols! Mas Elias está mais para um meia mesmo, o antigo 8, até mesmo se aproximando de um 10. O que estamos falando aqui é do clássico 5. Vai ver por isto Elias não tem sido titular na seleção. Dunga, ex-volantão, inexplicavelmente, prefere escalar os mesmos cabeças de área do fiasco da Copa, Luiz Gustavo e Fernandinho.



## **Futebol é uma Roda Gigante**

*10 de setembro de 2015*

No Futebol uma hora se está por cima, noutra hora se está por baixo. Esta é a lei. No Brasileirão 2015 times como Fluminense, Palmeiras e Sport, que pareciam que iam brigar na parte de cima da tabela, despencaram e agora estão na zona intermediária. Ao contrário do Flamengo, que lutava para não cair, agora pode entrar no G4, o que não acontece desde 2011, quando o rubro negro tinha Ronaldinho Gaúcho na equipe. Aliás o Flamengo, dos 12 clubes dos quatro principais estados do Futebol brasileiro, é o que menos vezes ficou entre os

quatro primeiros colocados do campeonato desde 1959, quando foi realizada a primeira Taça Brasil.

Por sua vez o Fluminense é o clube que mais trocou de técnico no mundo nos últimos 20 anos. E parece que o atual treinador não vai permanecer muito tempo. O garoto Gerson, tratado como grande joia e que chegou a ser negociado com a Roma, da Itália, voltou ao tricolor muito abaixo da expectativa. De quem não se esperava muito mais, eis que surge o novo futuro nove da seleção. Estou falando de Ricardo Oliveira, que nesta quarta-feira marcou mais um gol, chegando aos 16 e disparando na artilharia da competição. O amigo santista Tadashi costuma dizer que com Ricardo Oliveira em campo é gol na certa.

Santos este, que assim como o Flamengo também estava na parte debaixo da tabela, e hoje briga por uma vaga na Libertadores. Já o atual bicampeão Cruzeiro tenta sair da turma de trás. No time mineiro mais uma prova de sobe e desce. Willian “Bigode Grosso” marcou quatro gols numa partida, ele que havia sido preterido pelo antigo técnico Vanderlei Luxemburgo, este também uma mostra de altos e baixos, mais baixos do que altos. Luxa pegou o Flamengo na zona de rebaixamento ano passado, fez um estardalhaço doido ganhando vários jogos consecutivos, mas acabou deixando o Fla na mesma zona de rebaixamento na qual pegou o time.

Com Nei Franco foi o oposto. Nei teve uma segunda passagem frustrante no Flamengo. Não conseguiu ganhar uma partida sequer. E foi ele que deixou a batata assando na mão de Luxemburgo. Agora o mesmo Nei pega o Coritiba lá embaixo e o tira da zona da confusão, com a equipe paranaense praticando um bom Futebol. E quem tem marcado os gols que têm ajudado o Coxa Branca em sua recuperação no campeonato? Henrique Almeida! Não está ligando o nome à

pessoa? Trata-se de Henrique, revelado no São Paulo, eleito o melhor jogador do Mundial Sub-20 e que teve uma passagem apagada pelo Botafogo. Ah, o Futebol!



## **Futebol brasileiro em ruínas**

*23 de julho de 2014*

Enquanto mísseis derrubam avião na Ucrânia, matando mais de 200 pessoas, e bombas matam outras centenas de pessoas na Faixa de Gaza no conflito entre Israel e Palestina, no Brasil, depois dos 7 a 1 que desmoralizou o nosso Futebol, mais precisamente em Campos, vai desmoronando o passado de glórias de um dos mais fortes clubes do interior do estado do Rio de Janeiro, o Americano, que está tendo seu antigo estádio, Godofredo Cruz, demolido, com previsão para esta quarta-feira do término da demolição, que começou há dois domingos.

Nesta terça-feira foi anunciado o novo velho técnico da seleção brasileira, Dunga. Para quem sonhava com um técnico estrangeiro, sugerido pelos comentaristas da ESPN, um dos canais esportivos mais críticos da TV brasileira, terá que engolir Dunga, um técnico que trabalhou apenas na seleção brasileira e no Inter, clube em que jogou. Dunga, um técnico do estilo Felipão de ser e de jogar. Para quem defendia que o Futebol brasileiro tinha de se renovar, terá de aturar o mesmo técnico da Copa de 2010, que alegam teve boas estatísticas. Mas como não ter boas estatísticas com uma seleção brasileira, que enfrenta seleções inexpressivas? Se bem que o Brasil agora está comparado a Zaire, El Salvador, entre outros, como vítima de uma das maiores goleadas da história das Copas.

No campeonato brasileiro, que voltou semana passada, o lanterna é o Flamengo, que até pouco tempo os torcedores comparavam com a campeã mundial Alemanha pelo uniforme rubro-negro. Um choque de realidade que doeu no coração dos flamenguistas, tanto quanto às agressões ao lateral André Santos. O técnico Ney Franco, que assumiu o lugar de Jayme de Almeida, numa troca precipitada, não conseguiu uma vitória sequer ainda. O próximo adversário é o Botafogo, que com salários atrasados, os jogadores chegaram a se recusar a viajar para disputar um amistoso na Paraíba.

Voltando a Campos, Americano e Goytacaz não vão disputar a Copa Rio, que dá vaga para a Série D do Brasileiro. Logo eles que já chegaram a disputar a Série A, então 1ª divisão do nacional, nos anos 70. Americano e Goytacaz alegam que não têm dinheiro. A diretoria do Americano, que vendeu seu estádio, diz que ainda tem dívidas. O certo é que todos estes times, da seleção brasileira aos clubes campistas, passando pelos do Rio, estão em dívida é com o torcedor, que só porque é muito apaixonado continua torcendo pela sua equipe. No caso da seleção, caminha-se para uma desilusão e até provável abandono, observado nos últimos anos.



## Os Estaduais têm seu valor

*3 de março de 2020*

Primeiramente gostaria de me desculpar pela ausência de três semanas sem nenhum texto novo. Não que eu tenha pulado o Carnaval. Pelo contrário. Fiquei em casa durante toda a festa do Momo. É que estava sem computador e um pouco

sem assunto. Volto à escrita sem aparentemente ter muito o que falar. Vou pensando e escrevendo. Mas não posso me furtar de usar este espaço, que espero tenha alguns leitores.

O que estou pensando em abordar são os Estaduais. Os combalidos Estaduais. Mas, Wesley, como falar em Estaduais numa semana em que começa de verdade a Libertadores para os brasileiros? A prestigiada Libertadores. Como devem saber, sou botafoguense. E o Botafogo não está em nenhuma competição internacional em 2020. Nem mesmo na Sul Americana.

Talvez isto explique o porquê de eu não estar tão interessado na Libertadores. Digo nem tanto, mas claro que estou. A Libertadores, para ser clichê, é a Libertadores. Em 2017 o Botafogo fez uma história maravilhosa na competição continental. E ao Botafogo ainda é necessário uma Libertadores para ser mais respeitado.

Vejam o caso do Flamengo, que reconhecidamente jogou um bom Futebol em 2019, mas por pouco não conquistou a Libertadores. O River foi melhor a maior parte do jogo, mas nos minutos finais o Flamengo virou e conquistou o título. Será que estariam falando tanto do Flamengo se este time, que realmente é bom, não tivesse conquistado a Libertadores?

Nem mesmo o título brasileiro, o qual o Flamengo ganhou com larga vantagem de pontos, daria ao clube rubro negro a moral que tem hoje. Aí você me pergunta: Wesley, mas você não iria falar dos Estaduais? Sim. Então. E esta é uma reflexão que faço comigo mesmo. Será que não estamos desmerecendo os Estaduais?

É, porque eu mesmo desmereço por exemplo os quatro títulos cariocas conquistados pelo meu Botafogo até agora no século XXI (2006-10-13-18). Eu mesmo acabo esquecendo as

alegrias proporcionadas por aqueles momentos. É comum se falar em jejum não se considerando os títulos estaduais.

Se for assim, o Botafogo vai completar 25 anos sem um título "relevante". O último teria sido o Brasileiro de 1995. Se não contabilizarmos o Rio São Paulo de 1998. Este jejum de título "relevante" seria maior do que o de 1969-89, que na verdade foi de quase 20 e não 21 anos. Mas então desmereceríamos o histórico título da noite de 21 de junho de 1989.

Domingo agora conversando com meu pai, ele destacou a importância daquele título: "Principalmente para minha geração, o título de 89 é mais importante do que o Brasileiro de 95", falou meu pai, que completou 57 anos no dia 27 de fevereiro de 2020. Portanto em 1989 meu pai estava com 26 anos. No título de 68/69 meu pai tinha seis anos.

Meu pai passou a infância, a adolescência, e o início da vida adulta, sem ver o time dele campeão, o que só ocorreu quando ele estava com 26 anos. Imagine isso. Hoje, se está difícil fazer minhas duas filhas, de 10 e 5 anos, serem botafoguenses, imagine naquela época como era difícil ser botafoguense. Portanto, temos de valorizar os Estaduais.

Eu sou um privilegiado por ter a oportunidade de ter visto meu time campeão na semana em que eu completaria oito anos. E logo no ano seguinte conquistar um bicampeonato. E conquistar mais alguns títulos na década de 90, quando eu vivia o que é considerada uma das melhores e piores fases da vida ao mesmo tempo, a adolescência.

Não é todo clube que chega a "outro patamar" a ponto de conquistar uma, duas, três Libertadores; um, dois, três Mundiais. Li no livro "Cronologia 21", de 2018, do Nilton Stemp, que o Botafogo é um clube humilde. Eu já tinha essa sensação. Então sejamos humildes. Vamos valorizar os Estaduais. Eles têm

seu valor. Não menosprezemos a alegria de um momento de emoção.



## **Treinador de Futebol, a profissão mais instável no Brasil**

*10 de fevereiro de 2020*

Existe uma frase do senso comum que diz: "Técnico não ganha jogo, no máximo atrapalha", ou algo do tipo. Mas será mesmo? Vejam o caso do português Jorge Jesus no Flamengo, que fez o time jogar com a chamada intensidade e levou o rubro-negro a conquistar dois dos títulos mais difíceis para os clubes brasileiros, o Brasileirão e a Libertadores.

Claro que Jorge Jesus tem à sua disposição jogadores de alto nível, o que eleva a equipe a "outro patamar", como bem disse o atacante Bruno Henrique. Mas temos de reconhecer que o trabalho de Jorge Jesus é diferenciado. Um dos diferenciais do técnico português é que ele não poupa os atletas.

Os principais atletas do Flamengo, que disputaram a final do Mundial de Clubes no dia 21 de dezembro de 2019, se reapresentaram no dia 27 de janeiro de 2020 e já entraram em campo para um jogo oficial no dia 3 de fevereiro de 2020. Por mais que Jorge Jesus tenha dito que está usando o Carioca como pré-temporada, foram apenas seis dias da reapresentação até o primeiro jogo "oficial".

Este é o grande mérito de Jorge Jesus no Flamengo. Ao que parece os atletas do Rubro Negro não têm regalias. Claro que podemos dizer que eles ganham muito bem e devem mesmo se dedicar nos treinos e nos jogos. Mas reconhecidamente o técnico português não dá mole para os atletas.

Uma cena me chamou atenção num treino recente do Flamengo. Jorge Jesus, no alto de seus 65 anos, corria junto com os atletas. Trata-se de um cara muito profissional, o que compensa o seu aparente pedantismo.

Realmente foi um choque de gestão e os treinadores brasileiros agora estão sendo mais cobrados. Além disto, abriu-se um mercado para treinadores estrangeiros no Brasil.

Mostra de que a cobrança aos técnicos aumentou no Brasil é que só neste fim de semana, conforme notícias do site [Globoesporte.com](http://Globoesporte.com), pelo menos 12 técnicos foram demitidos em clubes profissionais no Brasil, que disputam os campeonatos estaduais.

Alguns clubes que tiveram a demissão do técnico neste fim de semana noticiada pelo site [Globoesporte.com](http://Globoesporte.com) são os seguintes: Botafogo-RJ, CSA-AL, Vila Nova-MG, Moto Club-MA, Tapajós-PA, Carajás-PA, Timon-PI, União Beltrão-PR, Comercial-SP, Anápolis-GO, Grêmio Anápolis-GO e Iporá-GO.

Diante disto tudo e apesar de ser uma profissão supervalorizada, com uma parcela ínfima ganhando salários astronômicos, que não condizem com a realidade geral, podemos afirmar que a profissão de treinador de Futebol no Brasil é a mais instável no país dos desempregados.



# O clube de futebol empresa no Brasil

*31 de janeiro de 2020*

Chegou a hora de falarmos do clube de Futebol empresa. O projeto de lei sobre clube de futebol empresa foi aprovado na Câmara no fim do ano passado. O projeto foi para o Senado e deve ser apreciado na volta do recesso, semana que vem.

O tema do clube de futebol empresa voltou à tona, mas este assunto já foi debatido no Brasil no fim dos anos 1990 com a aprovação da Lei Pelé.

Agora o que está previsto é mais do que um patrocínio forte de uma empresa privada a um clube de Futebol, como aconteceu, por exemplo, com a Parmalat no Palmeiras.

O que se pretende é que um clube de futebol, que é uma entidade associativa, portanto sem fins lucrativos, possa se tornar realmente uma sociedade empresarial, que visa o lucro e poderá, por exemplo, ter ações na Bolsa de Valores.

O clube de futebol passaria ao controle de investidores, que teriam ações do clube de Futebol e deteriam direitos sobre a marca.

Aos torcedores resta torcer para que os investidores mantenham, por exemplo, o escudo, as cores e outros símbolos tradicionais do seu clube de Futebol, que tem uma história.

Este parece ser mesmo o futuro do Futebol no Brasil. Uma maior profissionalização da gestão, que faria o Futebol ser levado mais a sério com administrações corretas, que prezem pela organização e a modernização.

Não dá para ficar com discurso romantizado e achar que o Futebol não pode ser "privatizado". Sim, o projeto do clube de futebol empresa nada mais é do que a "privatização" do Futebol brasileiro.

E esta é mais uma abordagem polêmica, a da "privatização", que já foi muito debatida no Brasil. Não vamos entrar em outra seara, a política, mas é indiscutível que em alguns setores a entrada da iniciativa privada deu outra cara aos serviços.

E o Futebol no Brasil precisa de uma guinada para o futuro e o desenvolvimento. Não é discurso de direitista. Não me considero nem de esquerda nem de direita. Apenas, como fã de Futebol, quero o melhor e o mais certo.



## **Os camisas 9 e os camisas 10**

*25 de janeiro de 2020*

Quem nunca ouviu que seu time precisa de um camisa 10 e um camisa 9? Será que todo time precisa mesmo de um camisa 10 e um camisa 9? Vejam o caso do Flamengo, que contratou o garoto Pedro, que se destacou no rival Fluminense. O Flamengo já tem/tinha Gabigol, que fez 43 gols na temporada brasileira de 2019. E mesmo assim foi buscar um jogador promissor como Pedro, que viveu um bom momento no Flu, onde marcou 31 gols somando-se as temporadas de 2017 (7), 2018 (19) e 2019 (5). Deve-se destacar que Pedro sofreu uma lesão no joelho no fim de 2018, justamente na semana em

que foi convocado para a seleção pela primeira vez; e teve de ficar mais de seis meses se recuperando.

Pois bem. Outro caso de insatisfação com o camisa 9 vem do outro rico, o Palmeiras, que emprestou Deyverson para o Getafe da Espanha e Borja para o Junior Barranquilla da Colômbia. Os dois não agradaram à torcida alviverde não só devido aos números baixos de gols, mas pela deficiência técnica. Este é um problema dos chamados centroavantes. Muitos deles não têm habilidade com a bola e, se os gols não saem, passam a ser crucificados. Mesmo os que têm bons números são exigidos pelas torcidas quanto à capacidade de jogar. Mas às vezes só é preciso balançar as redes. Como dizia Dadá Maravilha: "Nunca aprendi a jogar Futebol, pois perdi muito tempo fazendo gols". Ou algo do tipo.

Por falar em habilidade com a bola, vamos à questão dos camisas 10. Deles é exigido que tenham um bom passe, capacidade de fazer lançamentos precisos, o drible, necessário para furar a defesa adversária e achar uma jogada para um gol decisivo e a própria finalização certa. Hoje qualquer pereba veste a pesada camisa 10, que antes só era reservada aos craques. Isto irrita os torcedores, que cobram mais dos camisas 10, que recebem uma carga de pressão enorme devido ao peso que a camisa tem para o Futebol. Em uma próxima coluna pretendo falar ainda de outras camisas icônicas do Futebol. Se o goleiro e os zagueiros têm uma incrível responsabilidade e não podem falhar, os camisas 9 e camisas 10 certamente são os que recebem maior cobrança.



# Eterno 7 a 1

*10 de outubro de 2019*

Quando você estiver lendo este texto a seleção da Confederação Brasileira de Futebol (CBF) já deverá ter jogado seu amistoso em Cingapura contra o Senegal na manhã desta quinta-feira (10/10). Cito a seleção (com letra minúscula mesmo) para abordar um dos principais itens de uma conversa que tive com o grande cronista esportivo Péric Ribeiro na terça-feira (08/10), na casa dele, no Centro de Campos dos Goytacazes-RJ. Perinho, como é conhecido, é autor da biografia de Didi "Folha Seca", livro que ganhou três edições e foi premiado em 2011 pela Associação de Cronistas Esportivos do Rio de Janeiro (Acerj). Ele trabalhou na Placar no auge da revista na década de 1970.

Perinho, que já passou dos 70 anos, anda muito desiludido com o Futebol. Nesta conversa ele defendeu o fim da seleção da CBF nestes moldes atuais. Perinho argumenta que a seleção não joga no seu país. Concordo. Aí é a minha opinião. É uma seleção "para inglês ver", como se fala. É o símbolo da elitização do Futebol, onde o antigo esporte das multidões passou a ser privilégio dos mais abastados, principalmente em relação à seleção, que tem um público diferente do de jogos de clubes.

Perinho afirma que a Europa está criando o que ele chamou de uma "super elite" do Futebol. Ele acredita que os times considerados pequenos estão fadados a acabar. Para o principal cronista esportivo de Campos, os clubes brasileiros perderam força no exterior porque deixaram de jogar lá fora. Recentemente li um artigo em que o autor escreve que a

imprensa estrangeira em geral não cobre o Campeonato Brasileiro. Para eles Brasil é sinônimo só de seleção.

Por falar no Brasileirão, que está cada vez mais perto de ser conquistado pelo Flamengo depois de exatos 10 anos – sem contar a Libertadores, sonho de consumo de qualquer torcedor, e muito desejada pelos flamenguistas; e para não ficar só no discurso de "desencanto de mundo", perguntei a Perinho se ele estava satisfeito com o Flamengo dele. Perinho mostrando mais uma vez seu ceticismo comentou que o Flamengo ainda não ganhou nada. E citou uma frase que atribuiu ao mestre Eduardo Galeano, algo do tipo: "Eu vou passar a vida inteira implorando por um pouco de arte no Futebol". Perinho considera Gérson o melhor jogador deste Flamengo, que para ele pode ser tornar um esquadrão, o que para Perinho não acontece desde 1987.

Saudosista, Perinho comentou sobre os jogadores mascarados, dizendo que sempre existiram, mas antes tinham motivos para serem mascarados porque eram craques. Realmente. Aí sou eu que opino. Hoje tem muito jogador meia boca se achando. E mais: ganhando milhões. Perinho parece não ser fã de Neymar, que para ele também ainda não ganhou nada. É verdade. Aí sou eu que falo. Temos de reconhecer que trata-se de um jogador diferenciado. Mas é impressionante como tem mais espaço na mídia que muitos clubes, incluindo meu Botafogo. É um problema da crônica esportiva, que para Perinho foi a responsável pela crucificação do goleiro Barbosa. Bola para mim. Costumo dizer que Barbosa sofreu um gol que nem é possível dizer se foi falha e foi condenado pelo resto da vida. Enquanto isto o goleiro Júlio César levou 10 gols em dois jogos na Copa de 2014 no Brasil, os sete da Alemanha na semifinal e mais três Holanda na disputa pelo terceiro lugar, que muitos esquecem. Mesmo assim, Júlio César é até hoje

festejado pela mídia. Aí entramos na questão do poder do dinheiro no Futebol.



## **A questão da profissionalização no Futebol brasileiro**

*3 de outubro de 2019*

O combativo jornalista Juca Kfoury, injustamente demitido da ESPN recentemente, mas que continua ativo com sua coluna na Folha de São Paulo, com o blog no UOL, no Twitter e em outras diversas plataformas, pois bem, Juca, que é uma referência para mim e para muitos jornalistas esportivos, escreveu na Folha em 1996 um artigo intitulado “Futebol S/A”, que foi publicado no livro “Por que não desisto – Futebol, dinheiro e política”, de 2009.

Neste artigo, Juca fala da questão da profissionalização no Futebol brasileiro. Para o jornalista, o Futebol não deveria ser um negócio “rentável só para alguns”, mas sim “bom para tantos”. Ele conclui afirmando: “Ninguém é contra cartolas ricos, desde que o Futebol não fique cada vez mais pobre”. Juca aborda uma questão importante neste texto, a remuneração de dirigentes esportivos, iniciativa a qual eu, particularmente, sou favorável.

Até mesmo o ex-presidente da Federação de Futebol do Estado do Rio de Janeiro (Ferj), Eduardo Viana, conhecido pela alcunha de “Caixa D’água”, por mais incongruente que possa parecer, era a favor da profissionalização do dirigente

esportivo. Ele defende isto na sua tese de livre docência publicada em 1990 no livro “O Dirigente Esportivo”.

Voltando à última afirmação de Juca Kfourri, temos de pensar sobre a questão da “hipermercantilização” do Futebol, termo cunhado pelo sociólogo escocês Richard Giulianotti no livro “Sociologia do Futebol: dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões”, de 2002.

Não pode o Futebol, que tem tanto dinheiro envolvido, ainda conviver com o amadorismo – na pior acepção da palavra – dos dirigentes esportivos. Enquanto alguns clubes de Futebol vivem uma realidade de salários astronômicos, como os casos de Palmeiras e Flamengo, donos das maiores receitas do Brasil e não por acaso os dois times que disputam o título do Campeonato Brasileiro; outros clubes passam por situações financeiras críticas com salários dos jogadores atrasados.

Está em pauta no Congresso um projeto de lei que versa sobre a possibilidade dos clubes de futebol se tornarem empresas, passando de entidades associativas para sociedades anônimas. O projeto está sendo encampado por alguns clubes, mas ainda sofre a resistência de muitos outros.

Este projeto precisa ser melhor debatido para que se chegue a uma conclusão de algo que possa melhor organizar e estruturar o futebol brasileiro, principalmente em relação aos clubes de menor investimento, como é o caso dos campistas Goytacaz e Roxinho, que vivem uma grave crise.



## CAPÍTULO 3

# CAMPOS DE BOLA



*A minha paixão pelo Roxinho faz com que eu me envolva muito emocionalmente com o clube do Parque Leopoldina (Foto: Álvaro Marcos)*

# Coincidências do Futebol

*10 de janeiro de 2020*

A cidade de Campos está dividida. De um lado os torcedores do Americano empolgados com a possibilidade de retornar à verdadeira 1ª divisão do Campeonato Carioca. Digo verdadeira porque a chamada Fase Preliminar da Série A, mais conhecida como Seletiva, é como se fosse na verdade a 2ª divisão. Mas este é um assunto para outra coluna. Eu estava falando da polarização em Campos. Se por um lado, os alvinegros estão ansiosos por voltar a jogar com os grandes e na TV, por outro lado os torcedores do Goytacaz devem estar secando e muito.

É de domínio público a rivalidade Goyta-Cano. Se não o mais equilibrado, é um dos clássicos mais equilibrados do Brasil. De cidades do interior, é uma das maiores rivalidades do país. Há pouco tempo conversando com o ex-jogador Capim – aquele mesmo que fundou o Angu da Estação em 1978 -, este me falou que na cidade de Barra do Piraí existia uma grande rivalidade entre o Central e o Royal. A rivalidade era tanta que os torcedores destes clubes tinham de ficar em lados opostos numa determinada rua da cidade. Mas, repito, este é um assunto para outra coluna.

Voltando à rivalidade Goyta-Cano, o destino reserva algumas coincidências no Futebol. Sabe quem estava jogando pelo Macaé nesta quarta-feira, quando o Americano venceu o Macaé por 1 a 0, gol de Cláudio Maradona aos 37 minutos do segundo tempo? Não? Então vou te dizer: Luquinha 44! Ele mesmo. Autor do gol da classificação do Goytacaz para a Seletiva há alguns anos contra o maior rival, Americano.

Pois que Luquinha poderia ter entrado mais uma vez no caminho do Americano. Eu disse poderia. Porque no Futebol não levamos muito em conta o "se". Mas eis que Maradona – sei que já virou clichê -, mas sim – vou falar – Maradona entrou em cena mais uma vez. Na rodada anterior, ele já tinha marcado e justamente com quem? Di Maria! Outro argentino. E reparem que o técnico do Americano, Josué Teixeira, foi fazer um curso onde? Na Argentina! O que isto significa? Nada? Não. Alguma coisa. Saberemos neste sábado em Friburgo, palco do fatídico jogo entre Americano e Goytacaz do gol de Luquinha. Quem viver verá!



## Será a ressurreição do Americano?

*15 de janeiro de 2019*

Há pouco tempo caiu a ficha. Passando de van em frente ao antigo estádio do Americano, o Godofredo Cruz, uma mulher pediu para descer no ponto: “Americano, por favor. Antigo Americano, né?”, observou em seguida a senhorita perguntando. E eu pensei comigo. Realmente, “Antigo Americano”. Esta passagem me fez lembrar de um acontecimento parecido, ocorrido há cinco anos, mais exatamente em 2014, quando o Godofredo Cruz começava a ser demolido. Um verdadeiro déjà vu.

Uma volta no tempo. Passava, como há poucos dias, em frente ao Godofredo Cruz, e o chamado papagaio da van, o equivalente ao cobrador no transporte alternativo, gritou: “Americano desce”! Aquilo soava como uma piada. Afinal o

Americano estava naquele momento na então Série B do Carioca (atualmente B1) e fazia uma má campanha. Rebaixado em 2012, o Americano no ano do seu centenário já amargava dois anos na segunda divisão. As perspectivas eram as piores possíveis. Alguns chegavam a afirmar que o clube iria acabar.

Paradoxalmente, o outrora glorioso guardava a esperança de dias melhores no nome do novo presidente, Luciano Viana, eleito naquele ano depois de mais de 20 anos do clube nas mãos de César Gama. Uma nova era começava a ser inaugurada. Eu, enquanto jornalista, tive a oportunidade de acompanhar a transição. Fui um dos primeiros, senão o primeiro, a entrevistar Luciano Viana como novo presidente. A entrevista, publicada no extinto Jornal O Diário, se deu a pedido do saudoso Vinicius Birigui, que fazia parte da equipe de trabalho da nova diretoria do Americano. Fazia parte também da nova diretoria do alvinegro o amigo fotógrafo Check, que me levou numa das primeiras reuniões, ainda no complexo aquático.

A sensação era de entusiasmo por parte dos presentes, mas o cenário era desolador. Já haviam começado a demolir o estádio. E aquele lugar, o qual frequentei com meu avô materno, que era sócio do clube, parecia um castelo mal assombrado à noite. Não quis mais me envolver diretamente com o Americano depois desta reunião, mesmo sendo convidado pelo vice-presidente Ariel Chácar para me aproximar. Não por nenhuma coisa em particular. O problema era que na época ainda estava vinculado ao Roxinho, meu time em Campos e com o qual colaborava desde 2008, tendo me afastado em 2015.

Mas conto este fato para deixar registrado que fui testemunha de um momento difícil pelo qual passava o clube, mas ao mesmo tempo motivador. Luciano Viana conseguiu

ajeitar a casa. Com o bom técnico João Carlos Ângelo, o Americano chegou à final da Taça Santos Dumont e foi campeão da Taça Corcovado em 2015, o que garantiu o time no triangular final. Mas não foi daquela vez que o clube conseguiu o acesso.

Em 2016 a famosa polêmica do áudio do Whatsapp. Um parênteses para dizer que conheci o Guito Wagner em 2017 num jogo do Americano no estádio do Goytacaz, quando ao Alvinegro ainda era permitido jogar no estádio do maior rival. O gente muito boa Guito vestia uma camisa bem antiga do clube. Conversamos sobre a ideia dele de publicar um livro sobre o Americano. Para quem não se lembra, o Canão havia perdido a Taça Corcovado para o Roxinho, mas mesmo assim havia se classificado para o triangular final, no que vazou o áudio e o Americano perdeu o direito de disputar uma vaga na 1ª divisão, que depois saberíamos que seria uma seletiva.

De 2017 não é preciso falar muito. Pois ainda está muito recente. Mas vamos lá. O Americano mais uma vez se classificou para a fase final da agora B1, que desta vez tinha mudado o regulamento e em vez de um triangular, seriam realizadas duas semifinais. O Americano, que havia se classificado pela campanha no geral, enfrentaria novamente o Goytacaz, que já o havia eliminado na semifinal da Taça Santos Dumont. O final todos sabem.

Mas como no Futebol a bola dá voltas, o Goytacaz, classificado para a Seletiva 2018, não conseguiu o acesso para a Série A de verdade. Foi para o Grupo X e permaneceu para a Seletiva de 2019, na qual fez uma campanha pífia. O Roxinho, que foi campeão da Taça Corcovado em cima do Americano em 2016, classificou-se para o triangular e alcançou a Seletiva 2017, também não conseguiu atingir o objetivo, que era disputar a verdadeira 1ª divisão. Quem riu por último, riu

melhor. Depois de tanto bater na trave, coube ao Americano enfim conseguir fazer com que um time da cidade de Campos voltasse a disputar a elite do Carioca.

Portanto, o Americano recupera o status de time de 1ª divisão. Resta saber quando terá novamente um estádio para chamar de seu. Neste meio tempo deverá mandar seus jogos em Cardoso e Macaé (contra Fluminense na Taça Guanabara e Botafogo na Taça Rio). Considerarei um crime a demolição do Godofredo Cruz, que tratava-se de um patrimônio histórico e cultural. Por mais que haja argumentos em contrário, que reforcem o fato do clube ter adquirido em troca um CT de grande estrutura e qualidade, mantenho minha opinião. Era o momento da torcida campista poder usufruir de um time na Série A do Carioca. Quem sabe em 2020. Se o clube conseguir se manter na elite. Para terminar, fica uma sugestão para o nome do novo estádio: Policarpo Ribeiro, o Poly\*, único jogador vinculado a um time de Campos que disputou uma Copa do Mundo, a primeira, de 1930. Poly pode ser considerado o maior expoente do clube e merece esta homenagem.

*\*Depois mudei de ideia e passei a defender que o novo estádio do Americano receba o nome o maior ídolo e maior artilheiro da história do Americano, Paulo Roberto “Cabeção”, com mais de 20 anos de serviços prestados ao clube, sendo o único jogador que participou de todos os títulos do Eneacampeonato Campista (1967-1975).*



# Campos dos Goytacazes-RJ: Cidade que tem Futebol no nome

*2 de dezembro de 2017*

De tradição literária, afinal é a cidade natal do escritor José Cândido de Carvalho, autor do clássico “O Coronel e o Lobisomem” [1], Campos dos Goytacazes tem a história do Futebol local contada em diversas publicações, que dão o subsídio necessário para o aprofundamento de pesquisas em fontes primárias, como jornais de época. Campos dos Goytacazes tinha até 15 de novembro de 2009 o então terceiro jornal mais antigo do Brasil, o Monitor Campista, fundado em 1834 e que parou de circular naquela data.

São vários os livros que abordam a trajetória Futebolística de Campos dos Goytacazes. A começar pelo “Almanaque Esportivo do Jubileu de Ouro do Futebol Campista” [2], publicado em 1962, quando foram comemorados os 50 anos do Futebol Campista. O “Almanaque Esportivo do Jubileu de Ouro do Futebol Campista” foi escrito pelo jornalista Nilo Terra Arêas e publicado como uma edição do próprio autor.

O mesmo Nilo Terra Arêas publicou em 1976 “Americano Futebol Clube – Sua história e suas glórias de 1914 a 1975” [3], um primoroso trabalho de pesquisa, que além de relatar com minúcias dados do Eneacampeonato Campista do Americano (1967-1975), descreveu os dirigentes que proporcionaram ao clube mais elitista de Campos um recorde de títulos na era profissional no Brasil.

Sobre o “Almanaque Esportivo do Jubileu de Ouro do Futebol Campista”, o ilustre escritor Nelson Rodrigues (1912-1980) escreveu que:

“Eu sempre digo que o football (sic) tem seus homeros. O Nilo Terra Arêas tomou a si no cenário esportivo de Campos, uma função homérica, canoneana, sei lá. Seu Almanaque é uma espécie de mural, de maravilhosa cavalgada, de football (sic) de Campos.” [4]

Em 1989 foi publicado mais um livro fundamental para o registro da história do Futebol em Campos dos Goytacazes-RJ. Trata-se de “História do Futebol Campista” [5], de autoria do jornalista gaúcho radicado em Campos, Paulo Ourives, que fez um trabalho de muito fôlego, deixando para a posteridade uma verdadeira relíquia bibliográfica, que teve a colaboração do filho do autor, Paulo de Almeida Ourives, que reproduziu o livro na íntegra no blog “História do Futebol Campista.” [6]

Em 2010, o jornalista carioca radicado em Campos, Aristides Leo Pardo, publicou “No país do Futebol, cidade sem memória” [7], um trabalho inspirado nas obras de Nilo Terra Arêas e Paulo Ourives, acrescentado por um trabalho de campo no que o próprio autor considerou como um livro reportagem.

Em 2012, eu lancei “Saudosas Pelejas – A História Centenária do Campos Athletic Association” [8], uma pesquisa sobre o Campos Atlético Associação, clube que naquele ano completava seu centenário de fundação. No mesmo ano, Hêlvio Santafé publicou um livro, “Centenário do Futebol de Campos dos Goytacazes-RJ” [9], sobre os três clubes de Campos dos Goytacazes que completaram 100 anos em 2012, Goytacaz, Campos e Rio Branco.

## Um celeiro de craques de estirpe

Campos dos Goytacazes-RJ é um município da região norte do estado do Rio de Janeiro, que faz divisa com os estados do Espírito Santo e Minas Gerais. O nome do município faz referência aos vastos campos que compunham a região antes habitada pelos Índios Goytacazes. Campos dos Goytacazes tem uma extensão territorial maior do que a capital do estado, a cidade do Rio de Janeiro.

Por sua característica de planície, o município de Campos dos Goytacazes tem muitos campos de Futebol, o que o tornou um celeiro de craques. Dentre os mais diversos nomes que se destacaram no esporte bretão mundo afora, foram revelados em Campos dos Goytacazes os campeões mundiais com a seleção brasileira, Didi “Folha Seca” e Amarildo “Possesso”.

Didi, autor do gol que garantiu a classificação do Brasil para a Copa do Mundo de 1958, foi eleito pela revista France Football como o melhor jogador daquele Mundial, na Suécia, quando o Brasil conquistou seu primeiro título mundial. A Folha Seca era um chute, de invenção atribuída a Didi, em que a bola decaía como uma folha seca. Foi desta maneira que Didi cobrou uma falta contra a seleção peruana nas Eliminatórias para a Copa de 58 e marcou o gol que garantiu a classificação para o Mundial na Suécia. Didi também é o autor do primeiro gol do Maracanã, marcado pela Seleção Carioca contra a Seleção Paulista em 1950.

Amarildo substituiu Pelé, contundido, na Copa do Mundo de 1962, no Chile, tendo marcado três gols na competição, um inclusive na final contra a Tchecoslováquia, em que o Brasil se sagrou novamente campeão. Amarildo já havia

marcado dois gols decisivos na vitória de virada sobre a Espanha.

Além de Didi e Amarildo, Campos dos Goytacazes teve outros jogadores que serviram a seleção brasileira em Copas do Mundo, casos do zagueiro Pinheiro (1954), o volante Denílson (1966), o lateral-direito Edevaldo (1982) e o goleiro Acácio (1990). Além destes, o ponta Poly, que era natural de Conceição de Macabu, jogou a primeira Copa do Mundo, de 1930, no Uruguai, representando uma equipe de Campos, o Americano.

Outros jogadores de Campos dos Goytacazes serviram a seleção brasileira em outras competições e/ou amistosos. São eles: David de Souza, Amaro Silveira, Mário Seixas e Soda (1923), Jarbas (1932), Lelé (1944), Hélvio (1955), Paulinho Almeida (1956), Tite e Bené (1957), Amaro (1961), Dary (1964), Evaldo (1968); e mais recentemente: Odvan (1999), Alessandro e Léo (2001), e Gil (2014). [10]

Nelson Rodrigues (1912-1980) comenta sobre o Futebol Campista:

*“Nós falamos do football (sic) do Rio, de São Paulo, como se não existisse nada mais, por esse Brasil interminável. Mas há, também, um formidável ‘football (sic) campista’” (...) Campos tem uma tradição fulgurantíssima. Dois exemplos de cracks de nível mundial: – Mário Seixas e Amaro Silveira. Êste último é o pai do Amarildo, o Possesso, que é outro campista autêntico.” [11]*

Amaro Silveira, pai de Amarildo “O Possesso”; e Mário Seixas mereceram de Nelson Rodrigues (1912-1980) belas palavras:

*“Comecemos por Mário Seixas. Nos meus tempos de garôto, eu o vi jogar. Êle fora magro, mas eu já fui encontra-lo gordíssimo. Mas a vida é surpreendente: – com peso de Feola, de Abade da Brahma, o Mário Seixas era um jogador ágil, elástico, rápido. Tinha um altíssimo domínio de bola. Estava no mesmo nível dos maiores crack do Brasil. Outro – o Amaro Silveira. Hoje, quando vemos Amarildo, a nossa impressão é que o Possesso tem uma vocação que se improvisou. Doce e lêdo engano. Amarildo é um trabalho de gerações. Antes dele outros Amarildos existiram e brilharam no Futebol campista. Mas eu falava de Amaro Silveira, que é pai do Possesso. Maurício Vaitsman[12] é que faz, para mim, um cancioneiro do crack. Amigos, o Amaro Silveira é um virtuose. Algumas de suas jogadas ficaram históricas. Quem o viu jogar é que compreende a imensa categoria de Amarildo.” [13]*

Outro nome de destaque revelado pelo Futebol de Campos dos Goytacazes foi o centroavante Bruno Rangel, que está na galeria dos maiores ídolos da Chapecoense. Bruno Rangel integrava a delegação da Chapecoense que sofreu o trágico acidente de avião no dia 29 de novembro de 2016 na Colômbia.

## **Os quatro clubes centenários e os times de usina**

Os torcedores de Campos dos Goytacazes podem se orgulhar de ter quatro clubes centenários, três deles em atividade.

O Goytacaz Futebol Clube foi fundado na Beira do Rio Paraíba do Sul, em Guarus, no dia 6 de agosto de 1912, Dia do Padroeiro da Cidade, São Salvador, e atualmente disputa a Seletiva para a Série A do Campeonato Carioca 2018. Alvianil, o Goytacaz obteve 20 títulos do Campeonato Campista (1914, 1920, 1926, 1932, 1933, 1940, 1941, 1942, 1943, 1945, 1948, 1951, 1953, 1954, 1955, 1956, 1959, 1960, 1966 e 1977), cinco títulos do Campeonato Fluminense (1955, 1963, 1966, 1967 e 1978), dois Campeonatos Cariocas da 2ª Divisão (1992 e 2017\*), um Campeonato Carioca da 3ª Divisão (2011), e um vice-campeonato da Taça de Prata em 1985, equivalente à 2ª divisão do Campeonato Brasileiro. (\*Atualizado em 2010)

As cores do Goytacaz, branco e azul, segundo uma mitologia que envolve o clube, fazem referência respectivamente às cores da pele e dos olhos de Ceci, mulher pela qual era apaixonado o lendário índio goitacá Peri, do romance “O Guarani”, de José de Alencar.

O Campos Atlético Associação foi fundado no bairro do Caju no dia 26 de outubro de 1912 e atualmente disputa a Série C do Campeonato Carioca, equivalente à 4ª divisão do estado do Rio de Janeiro. Tricolor (Roxo, Preto e Branco), o Campos foi cinco vezes campeão cidadão de Campos dos Goytacazes-RJ, nos anos 1918, 1924, 1932, 1956 e 1976. Em 1956 também foi Campeão Fluminense, em título que foi dividido porque as finais do campeonato não foram disputadas por falta de datas. Em 1976 também foi campeão do Interior do Estado do Rio de Janeiro. Em 1975 foi campeão da Taça José Antônio Ferreira de

Araújo. Ficou de 1977 a 1987 sem disputar competições profissionais. Voltou em 1988 e 1989, quando disputou a Terceira Divisão do Carioca. Depois ficou de 1989 até 2014 sem disputar competições profissionais. Voltou aos profissionais em 2015, quando foi campeão do 1º turno da Série C do Carioca. Em 2016 foi campeão do 1º turno da Série B do Carioca (Taça Corcovado) e vice campeão da competição. Em 2017 disputou a Seletiva para a Série A, encerrou a parceria com o Carapebus e disputou a Série C do Carioca, na qual foi vice-campeão. Em 2018 foi campeão do 1º turno e vice-campeão da Série B2 do Carioca.

O Campos Atlético Associação foi fundado por negros e mulheres em 1912 e em 1918 foi campeão cidadão de Campos dos Goytacazes com um time formado em sua maioria por jogadores negros, tornando o primeiro time com essas características, um time substancialmente de negros, a ser campeão. Visto que o Bangu havia conquistado a Taça Bangu em 1907 e o Campeonato Carioca da 2ª Divisão em 1911 com poucos jogadores negros, mesmo caso do Vasco na 2ª Divisão do Carioca de 1922 e na 1ª Divisão do Carioca de 1923. Portanto, uma equipe de um município do interior, que ainda assim teve grande importância política em fins do século XIX e início do século XX, foi pioneiro para o fortalecimento do negro enquanto protagonista de um esporte que começava a se consolidar em gramados brasileiros.

O Clube Esportivo Rio Branco foi fundado no dia 5 de novembro de 1912 e atualmente está licenciado. Róseo-Negro, o Rio Branco conquistou o Campeonato Fluminense em uma oportunidade, em 1961. Em duas oportunidades, conquistou o Campeonato Carioca da 3ª Divisão, em 1984 e 2001. E obteve, ao todo, oito títulos de campeonatos cidadãos de Campos dos Goytacazes (1917, 1928, 1929, 1931, 1949, 1958, 1961 e 1962).

O Rio Branco chegou a disputar a Taça Brasil no ano de 1962. Americano e Goytacaz disputaram várias edições das primeiras divisões do Campeonato Brasileiro e do Campeonato Carioca. E o Campos em 2017 disputou a Primeira Fase da Série A do Campeonato Carioca.

O Rio Branco foi fundado por meninos com idades entre 13 e 15 anos, caso semelhante ao do Botafogo no Rio de Janeiro, que foi fundado por colegiais com idades entre 14 e 15 anos.

O Americano Futebol Clube foi fundado na avenida 7 de Setembro, no Centro, no dia 28 de abril de 1914 e atualmente disputa a Série B1 do Campeonato Carioca 2017, equivalente à 2ª divisão do estado do Rio de Janeiro. O Americano conquistou 27 títulos do Campeonato Campista, sendo nove destes consecutivos (1915, 1919, 1921, 1922, 1923, 1925, 1930, 1935, 1939, 1943, 1944, 1946, 1947, 1950, 1954, 1964, 1965, 1967, 1968, 1969, 1970, 1971, 1972, 1973, 1974, 1975 e 1977). Alvinegro, o Americano tem ainda cinco títulos de Campeão Fluminense (1954, 1964, 1965, 1968, 1969 e 1975), além das conquistas da Taça Guanabara e Taça Rio de Janeiro em 2002, Campeão Brasileiro do Módulo Azul e Campeão Brasileiro de Seleções, representando o Rio de Janeiro, ambos em 1987. Em 2015 foi campeão do 2º turno da Série B do Carioca (Taça Corcovado) e em 2018 foi campeão do 1º turno da Série B1 do Carioca (Taça Santos Dumont).

Além dos quatro principais clubes, Campos dos Goytacazes teve outras equipes que disputavam o antigo certame cidadão de profissionais, tais como os times das usinas de cana de açúcar: Aliança do Queimado, São José, Sapucaia, Cambaíba e Paraíso. O Aliança foi tricampeão campista na era amadora, 1936-37-38. O São José foi o primeiro campeão da era profissional em Campos dos Goytacazes, que começou em

1952. O Sapucaia chegou a se sagrar campeão do antigo Campeonato Fluminense, em 1974. O Cambaíba foi por duas vezes campeão da Taça Cidade de Campos, em 1973 e 1977. E o Paraíso foi vice-campeão campista em duas oportunidades, 1958 e 1976. Além destes, Campos teve outros times de usinas, como o São João, Santa Cruz, Santa Maria, entre outras. Cito ainda o Industrial, fundado em 1912 e que representava a Fábrica de Tecidos da Lapa. Bem como o Municipal, do bairro do Capão; o Vesúvio, equipe do Corpo de Bombeiros; o União dos Servidores, da Prefeitura de Campos, entre outras equipes que disputaram o antigo Campeonato Campista de Profissionais.

## Notas

[1] CARVALHO. O Coronel e o Lobisomem.

[2] ARÊAS. Almanaque Esportivo do Jubileu de Ouro do Futebol Campista. .

[3] ARÊAS. Americano Futebol Clube – Sua história e suas glórias de 1914 a 1975.

[4] RODRIGUES. A epopeia de Campos.

[5] OURIVES. História do Futebol Campista.

[6] Disponível em: <<https://historiaFutebolcampista.blogspot.com.br/>>. Acesso em 04 set. 2017.

[7] Disponível em: <<https://Futebolcampista.blogspot.com.br/>>. Acesso em 05 set. 2017.

[8] MACHADO. Saudosas Pelejas.

[9] SANTAFÉ. Centenário do Futebol de Campos dos Goytacazes-RJ.

[10] Disponível em: <[goo.gl/Rgcv6C](http://goo.gl/Rgcv6C)>. Acesso em 05 set. 2017.

[11] RODRIGUES. A epopeia de Campos.

[12] Nelson Rodrigues explica no mesmo texto quem foi Maurício Vaitsman: “Amigos, encontrei-me, ontem com o confrade Maurício Vaitsman. É um velho companheiro de drama jornalístico. Trabalhamos juntos nos ‘Diários Associados’ e sempre o admirei. Uma personalidade meio áspera, taciturna. Mas por dentro, por detrás da fachada sombria, há todo um potencial de bondade e de simpatia humana. E o Maurício apresentou-me a um outro confrade, de Campos, o Nilo Terra Arêas. Um e outro são campistas de quatrocentos anos”. Cf. RODRIGUES. A epopeia de Campos.

[13] RODRIGUES. A epopeia de Campos.

### **Referências bibliográficas**

ARÊAS, Nilo Terra. Almanaque Esportivo do Jubileu de Ouro do Futebol Campista – História do Futebol de Campos. 1ª edição. Indústrias Gráficas Atlas, Campos dos Goytacazes-RJ, 1962.

ARÊAS, Nilo Terra. Americano Futebol Clube – Sua História e Suas Glórias de 1914 a 1975. 2ª edição. Edição do autor, Campos dos Goytacazes-RJ, 1976.

MACHADO, Wesley. Saudosas Pelejas: A História Centenária do Campos Athletic Association. Edição do autor, Impresso na Grafimar, 2ª edição, Campos dos Goytacazes-RJ, 2012.

CARVALHO, José Cândido. O Coronel e o Lobisomem. Livraria Editora José Olympio, 43ª edição, Rio de Janeiro, 1989.

FUTEBOL CAMPISTA NA REDE. Disponível em <<http://Futebolcampistanarede.blogspot.com.br/2017/04/selecao-brasileira-ja-teve-24-jogadores.html>>. Acesso em 05 set. 2017.

OURIVES, Paulo. História do Futebol Campista. 1ª edição. Cátedra, Rio de Janeiro, 1989. Disponível em: <http://historiaFutebolcampista.blogspot.com.br/>. Acesso em 02 dez. 2017.

PARDO, Aristides Leo. No país do Futebol, cidade sem memória – A história Futebolística de Campos dos Goytacazes. 2ª edição. Agbook, Campos dos Goytacazes-RJ, 2010. Disponível em: <https://Futebolcampista.blogspot.com.br/>. Acesso em 02 dez. 2017.

PARDO, Aristides Leo. O campeonato esquecido. Revista História Viva, Ano XI, Nº 122.

RODRIGUES. A epopeia de Campos. Jornal dos Sports, Rio de Janeiro, 21 de julho de 1962.

SANTAFÉ, Hέλvio. Centenário do Futebol de Campos dos Goytacazes-RJ. 1ª edição. Edição do autor, Campos dos Goytacazes-RJ, 2012.

Wikipédia – Informações sobre anos dos títulos nas páginas na Wikipédia dos clubes de futebol centenários de Campos dos Goytacazes-RJ em atividade: Goytacaz Futebol Clube, Campos Atlético Associação, Clube Esportivo Rio Branco e Americano Futebol Clube.

*\*Atualizado em 2020*



# Ex-jogador do Roxinho guarda camisa que ganhou de Ademir da Guia

*19 de setembro de 2017*

O ex-jogador Ramon, do Campos Atlético Associação, o Roxinho, de Campos dos Goytacazes-RJ, guarda com muito carinho uma relíquia: a camisa usada por Ademir da Guia em um amistoso no ano de 1974 na cidade de Campos. A partida histórica foi realizada no dia 6 de agosto, dia do padroeiro da cidade, São Salvador, no estádio Ary de Oliveira e Souza, do Goytacaz.

Ramon conta como conseguiu a camisa de Ademir da Guia. “Ele era muito rápido. Na primeira bola que fui nele, ele quase acabou comigo. Aí eu pensei: Vou deixar o cara jogar. No lance do Afonsinho, que cruzei a bola e depois de uma série de dribles no Luís Pereira, ele me deu os parabéns. Na volta pro segundo tempo fiquei conversando com ele e falei com ele que a camisa dele era minha. Aí ele falou: ‘Quando tiver acabando o jogo você encosta em mim’. E foi o que eu fiz. Fiquei perto dele, conversando com ele. Quando acabou o jogo, por pouco eu não perco a camisa, de tanta gente que queria a camisa dele. Não deu nem tempo de dar a minha camisa a ele”.

O Campos Atlético abriu o placar no primeiro tempo com Afonsinho aproveitando cruzamento de Ramon. O jogo virou com a vitória de 1 a 0 do Roxinho. E o time de Campos chegou a receber elogios do técnico do Palmeiras, Oswaldo Brandão. No segundo tempo, o Palmeiras, que tinha a base da seleção brasileira que havia disputado a Copa de 1974, fez três

gols em menos de 15 minutos, depois mais um gol e goleou por 4 a 1.

– *O time cansou e ficou olhando o Palmeiras jogar* – explica Ramon.

Ex-meia clássico, Ramon costumava jogar com a camisa 10, mas a cedeu para Afonsinho, que geralmente jogava com a 8.

– *Foi um prazer jogar com o Afonsinho. Eu e Gato Félix (goleiro) estivemos com ele no hotel onde ele estava, logo de manhã antes do jogo. Gente boa pra caramba. Jogava demais e não era metido a bom não* – lembra Ramon, que cedeu a camisa 10 do Roxinho para Afonsinho, mas ficou com a camisa 10 do Palmeiras, usada por ninguém menos do que Ademir da Guia.

Ramon atualmente tem 65 anos e mora na sua cidade natal, Itaocara, no Noroeste Fluminense. Além do Campos, ele chegou a jogar pela seleção do antigo Estado do Rio de Janeiro, antes da fusão com a Guanabara. Depois do Campos, Ramon voltou para Itaocara, onde atuou por um time local, o Nacional.

### **Ficha técnica do amistoso entre Campos e Palmeiras, realizado no dia 06 de agosto de 1974**

#### **CAMPOS 1 X 4 PALMEIRAS**

**Campos:** Gato Félix, Xavier, Brito (Edalmo), Rebite e Gilberto; Afonsinho (Neto) e Ramon; Lauro, Pescoço, Emilson e Balula (Joãozinho).

**Palmeiras:** Leão (Tonho), Eurico, Luís Pereira, Alfredo e Zeca; Dudu e Ademir da Guia, Edu (Ronaldo), Leivinha, Edson (Fedato) e Nei. Técnico: Oswaldo Brandão.

**Árbitro:** Silvestre Campos Filho, auxiliado por Iaraí Silva e Ademir Muniz Barreto.

**Gols:** Afonsinho (12min/1º tempo), Leivinha aos 12, Nei aos 23, Ronaldo aos 25 e Brito (contra) aos 28 do 2º tempo.



## A vingança do Enea

*16 de setembro de 2017*

Eram quase 44 minutos do segundo tempo. O goleiro do Goytacaz, que tem o mesmo nome do técnico, Paulo Henrique, chuta do seu campo rapidamente a bola, após a marcação de um impedimento do Americano, a bola passa do meio campo, cai na ponta esquerda, quase sai pela lateral, mas é dominada por Luquinha, que toca para trás, a bola é lançada na área, a zaga do Americano falha e a bola sobra livre para o mesmo Luquinha chutar para o fundo da rede. O goleiro Adílson Júnior, atônito, parece não acreditar. Também pareciam não acreditar os centenas de torcedores que foram ao estádio Eduardo Guinle, em Nova Friburgo, acompanhar a um dos jogos mais épicos da história do Goytacaz!

Não vivi a sempre lembrada década de 1970, época de ouro do futebol brasileiro e campista, mas posso afirmar que este Goyta-Cano foi um dos mais históricos de todos os tempos. Acompanhei a partida pela TV FERJ no YouTube. Tudo parecia que teria um desfecho favorável para o Americano, que está há pouco tempo na Série B. Do outro lado, o rival Goytacaz, mostrava mais futebol, um time melhor tecnicamente. Mas o gol teimava em não sair. Alguns torcedores do Goytacaz já tinham perdido a paciência.

Mas a sofrida torcida alvianil não perdeu foi a esperança e a fé. Durante a semana, uma notícia publicada no site do adversário, o Americano, provocava o clube da Rua do Gás com uma declaração do técnico do Americano, que teria dito que o rival iria completar bodas de prata na 2ª divisão. O Americano explicou o caso dizendo que o site do clube havia sido hackeado. Independente do que possa ter acontecido, o que se sabe é que a suposta declaração deu munição para o adversário.

O Americano quis levar o jogo para longe temendo inverter o mando de campo, que era seu, jogando na casa do adversário, que também foi “sua” ao longo do campeonato. Privou os torcedores de Campos de um clássico memorável. Mas o destino jogou a favor do Goytacaz. Apesar da distância, as duas torcidas compareceram em grande número ao estádio. E os azuis viram e viveram um dia histórico. Pode-se dizer que foi a vingança do Eneacampeonato do Americano em 1975, que também foi conquistado com um gol no final da partida.

A música da torcida do Goytacaz: “Goyta, você é a minha vida, você é a minha história, você é o meu amor”(!) diz muito sobre o sentimento que deve estar batendo nos corações e nas cabeças dos apaixonados torcedores do time que leva o nome dos Índios Goytacazes. O time do povo de Campos, o mais querido da cidade, exaltado por desde Coliseu a Tonico Pereira. Esperaram tanto tempo por esse momento. Mas Deus é justo. Ele proporcionou a alegria da vitória no tempo Dele, numa ocasião perfeita. Viva o Futebol! Viva o Goytacaz!



# Sapucaia deveria ter disputado o Brasileiro de 75

*9 de setembro de 2017*

O time da Usina Sapucaia, em Campos, deveria ter disputado o Campeonato Brasileiro de 1975. O fato pode ser confirmado na Revista Placar, Nº 270, de 30 de maio de 1975, na coluna “Garoto do Placar”, assinada por Mauro Pinheiro.

O jornalista conta que no final do ano de 1974, a Confederação Brasileira de Desportos (CBD) manifestou o interesse de contar com mais um clube do Estado do Rio de Janeiro no Campeonato Nacional.

E este seria definido pelo vencedor do Campeonato Fluminense, organizado pela Federação Fluminense de Desportos (FFD).

O Campeonato Fluminense começou no dia 16 de fevereiro de 1975 e teve as participações das seguintes equipes: Barbará, de Barra Mansa; Fluminense, de Friburgo; Flamengo, de Volta Redonda; Tiradentes, de São Gonçalo, mas que disputava a Liga de Niterói; e Americano e Sapucaia, de Campos.

O campeonato transcorria normalmente, o segundo turno havia acabado de começar. Quando no dia 4 de março de 1975, conforme relata Paulo Ourives, em “História do Futebol Campista”, uma notícia pegou os campistas de surpresa. O Americano havia sido convidado pela CBD para participar do Campeonato Nacional de 1975.

Americano e Sapucaia chegaram às finais do Campeonato Fluminense de 1975 ambos com 14 pontos ganhos

e seis perdidos. A decisão se deu numa melhor de quatro pontos (na época uma vitória valia dois pontos).

No dia 27 de abril de 1975, o Sapucaia venceu o Americano por 1 a 0. No dia 1º de maio de 1975, o Americano venceu o Sapucaia pelo mesmo placar. No dia 4 de maio, os dois times voltaram a se enfrentar e empataram em 0 a 0. Finalmente, na 4ª partida, o Sapucaia venceu o Americano por 4 a 2 e se sagrou Campeão Fluminense.

Mas o título não garantiu a vaga no Brasileiro daquele ano para o Sapucaia, já que o Americano já havia sido convidado pela CBD e a promessa da FFD não foi cumprida.

Teria Eduardo Viana, o Caixa D'Água, que já trabalhava nos bastidores do Futebol fluminense e brasileiro, interferido a favor do Americano?

O certo é que o Americano estreou no dia 24 de agosto de 1975 com uma vitória de 2 a 1 sobre o Santos no Godofredo Cruz, num dia que parou a cidade de Campos, que ficou em festa após o fim do jogo.

O jornalista Péris Ribeiro, que viveu ativamente aquela época, conta que o Sapucaia formou um timaço. “O time do Sapucaia conseguiu acabar com a hegemonia do Americano de ganhar um monte de títulos. O Americano que chegou a Eneacampeão Campista, ganhava várias Taças Cidade de Campos, Campeonatos Fluminense, etc.”.

– Quem acabou com a banca do Americano foi um timaço do Sapucaia, que tinha um “Trio Elétrico”, como Josélio Rocha tão bem narra: “Lá vai o trio elétrico, que vai destruir, vai fazer a festa onde passar e vai destruir qualquer adversário”. Era Betinho, Valmir e Gonzaga, os três realmente eram atacantes espetaculares. Naquele momento, Gonzaga era o maior jogador do Futebol Campista. O Sapucaia foi campeão da Taça Cidade de Campos vencendo o Americano numa

decisão e depois foi Campeão Fluminense também em cima do Americano”, lembra Perinho, como é chamado.

O Sapucaia, que tinha o escudo e o uniforme muito semelhantes aos do Flamengo, realmente marcou época no Futebol Campista e Fluminense. Mas poderia ter ido muito mais longe. O destino não deixou.



## **Os Deuses do Futebol reservaram um raro e decisivo Goyta-Cano na Série B1 do Carioca**

*2 de julho de 2017*

Em tempos difíceis, em que imperava a desesperança, o destino foi generoso para o Futebol Campista. Depois do destaque do Roxinho em 2016, o ano de 2017 vem mostrando a força de Goytacaz e Americano, que fazem uma grande campanha na Série B1 do Campeonato Carioca, equivalente à 2ª divisão do estado do Rio de Janeiro. As duas equipes, que estão invictas na competição, medem forças na quarta-feira (5), às 19 horas, no estádio Ary de Oliveira e Souza, em Campos dos Goytacazes-RJ. O jogo vale uma vaga na final da Taça Santos Dumont, que equivale ao 1º turno do certame, que classifica os campeões do turno e do retorno mais os dois melhores colocados na classificação geral, exceto os campeões de turno, para a semifinal geral, que vai definir os dois finalistas, que

estarão classificados para a Seletiva da Série A do Campeonato Carioca 2018.

O Goyta-Cano desta quarta-feira é apenas o 7º pelos profissionais no século XXI. Os dois times, que se acostumaram a se enfrentar nas primeiras divisões do Carioca e até mesmo do Brasileiro, viveram um hiato de 10 anos sem se encontrar, desde 2003, quando disputaram duas polêmicas partidas pela Série C do Brasileiro, que acabou com a eliminação do Goytacaz no famoso “Jogo do Cai-Cai” no antigo estádio Godofredo Cruz, que teve o terreno vendido pelo Americano. O retorno dos confrontos ocorreu na Série B em 2013, o primeiro ano na segunda divisão do Americano, que até então nunca havia sido rebaixado no Carioca. Desde então, o Alvinegro e o Alvianil têm rivalizado todos os anos, inclusive com uma insólita partida no estádio Cláudio Moacyr, o Moarczyão, em Macaé, no centenário do clássico em 2014.

Como podemos observar nas estatísticas acima, o Americano viveu um jejum de 13 anos ou três jogos sem vencer o rival. Nesta quarta-feira, o Alvinegro também precisa vencer se quiser se classificar para a final, à medida que o Goytacaz foi o primeiro do Grupo B e tem a vantagem do empate. O Americano foi o segundo do Grupo A. O curioso é que o Americano fez mais pontos (24) do que o Goytacaz (21), sendo que o Alvinegro teve um jogo a mais pelo fato do seu grupo ter uma equipe a mais do que o grupo do Alvianil. Coisas do Futebol Fluminense. Mas os dois times tiveram campanhas muito parecidas. Como já dissemos antes, ambos invictos. Cada qual empatou três partidas, com o diferencial do Americano ter ganho uma partida (7) a mais que o Goytacaz (6), até porque como já explicamos o Alvinegro teve um jogo a mais, o que será corrigido no 2º turno em relação à classificação geral, afinal os

grupos se cruzam e se enfrentam um contra o outro, quando no 1º turno as equipes se enfrentaram dentro do grupo.

O clássico Goyta-Cano é um dos clássicos mais equilibrados do futebol brasileiro, com o número de vitórias para cada lado sendo muito próximo do número de empates, por exemplo. Os números variam de acordo com as fontes. Alguns apontam uma leve vantagem para o Americano. Os dois clubes também brigam pelo status de maior torcida da cidade. O Goytacaz, se baseia numa pesquisa da Revista Placar na década de 70 que chegou a apontar a torcida alvianil como a quinta maior do estado do Rio de Janeiro, perdendo apenas para os quatro clubes grandes, o que parece no mínimo estranho ao se considerar a popularidade de clubes menores da capital, como América e Bangu. Recentemente a polêmica de maior torcida da cidade voltou à tona quando o Americano vinha colocando maiores médias de públicos no estádio do rival, fato que foi superado por um grande público do Goytacaz num certo jogo, que lhe rendeu o maior público até então do campeonato. A certeza é que esta quarta-feira será dia de casa cheia e recorde do ano no antigo Estádio da Cidade, que vai completar 80 anos de inauguração em 2018.



# Considerada a principal competição do Futebol Campista na época, Taça Cidade de Campos fez história

*11 de novembro de 2016*

Apontada em alguns registros como a principal competição do Futebol Campista em sua época, a Taça Cidade de Campos durou dez anos, de 1968 a 1977. Esquecido ao longo do tempo, o certame teve diminuído seu valor. Mas ficaram as lembranças de grandes jogos, heróis improváveis e estádios lotados. Quem nos conta é o jornalista e escritor Pêris Ribeiro em entrevista realizada no dia 3 de novembro de 2016.

## **Importância**

“A Taça Cidade de Campos foi criada nos moldes da Taça Guanabara, que era a competição extra criada no Rio para classificar o representante da Cidade Maravilhosa à Taça Brasil, que por sua vez classificava o clube brasileiro para a Libertadores da América na época. Então aqui se criou a Taça Cidade de Campos com os quatro primeiros colocados do Campeonato Campista do ano anterior. A Taça Cidade de Campos, que classificava o seu campeão para o Campeonato Fluminense de Futebol, era realizada logo no início do ano, em pleno verão. Os jogos eram sempre à noite. E era um negócio sensacional, a ponto das pessoas que estavam veraneando nas praias da região virem e encherem os estádios. Normalmente os jogos caíam terça e sexta-feira. Quando a rodada afunilava mais era só quarta-feira, mas era de encher estádio. Às vezes

tinha até jogo sábado. Ia chegando ao final da competição, a emoção era maior e tinha turno e retorno.”

### **Histórica**

“Foi um período áureo do Futebol de Campos porque Goytacaz e Americano por muitos anos se revezavam sendo campeões fluminenses e se habilitando a disputar a Taça Brasil, que foi o embrião do Campeonato Brasileiro. Cada um dos dois grandes de Campos ganhou uma Taça Cidade de Campos nas duas primeiras realizadas. A primeira Taça foi um sucesso, o Americano foi campeão, no estádio Godofredo Cruz, no Parque Tamandaré. O jogo se decidiu no finalzinho, 1 a 0 Americano, com um gol de um jogador que praticamente saiu do Goytacaz enxotado, digamos assim. Já veterano, depois de ser campeão tantas vezes pelo Goytacaz, o centroavante Jarbas, popular Jarbas Caminhão, jogador folclórico até, saiu de lá como jogador que já tava velho e não dava mais no coro. Pois o Jarbas entrou no 2º tempo e fez o gol do título do Americano, 1 a 0. No ano seguinte, O Goytacaz armou um grande time e foi campeão, mais uma vez a final terminando com o placar de 1 a 0, gol de um jogador, um centroavante, um crioulo forte, tipo do jogador de área, que tinha vindo de Cabo Frio, Melosa. 1 a 0. A final foi de novo no Godofredo Cruz, com o estádio abarrotado, gente em cima do muro, em cima de árvore, onde pudesse ficar.”

### **Idealização**

“Foi realmente uma ideia extraordinária se criar essa Taça Cidade de Campos. A ideia partiu de um grupo de apaixonados por Futebol, que eu tive a honra de fazer parte, inclusive Dr. Jacinto Simões, presidente do Goytacaz; Antônio Abdu Neme, presidente do Americano; José Antônio Ferreira de

Araújo, o homem forte da Liga Campista de Desportos (LCD), que era o secretário geral da LCD – o presidente era Edmundo Vaz de Araújo, que foi presidente por 12 anos e foi um dos melhores presidentes, senão o melhor presidente que eu conheci na LCD. Edmundo foi o grande mentor dessa ideia, abraçou a causa. Um grupo de desportistas de peso, mais jornalistas. Moacir Fonseca, que era o editor de esportes do Jornal A Notícia, foi outro que abraçou a causa; Dr. Hervê Salgado Rodrigues, que era o dono do jornal A Notícia; Dr. Oswaldo Lima, que era o diretor do Monitor Campista, todo mundo abraçou a causa. E aí foi criada a Taça Cidade de Campos, que foi um sucesso absoluto, enquanto existiu como profissional. Começou a se querer manter com times amadores. O Goytacaz e o Americano já disputavam o Campeonato Estadual e estavam entrando no Campeonato Brasileiro, colocavam jogadores juvenis, que estavam começando a carreira e aí a Taça perdeu a sua força, perdeu o seu glamour, perdeu o seu brilho.”

### **Campeões da Taça Cidade de Campos**

1968 – Americano

1969 – Goytacaz

1970 – Americano

1971 – Americano

1972 – Rio Branco

1973 – Cambaíba

1974 – Sapucaia

1975 – Goytacaz

1976 – Rio Branco

1977 – Cambaíba



# Por onde andam os campeões de 76 do Roxinho

*6 de novembro de 2016*

No domingo, dia 30 de outubro, reuni na sede do Campos Atlético Associação, oito ex-jogadores campeões campistas de profissionais em 1976. Na oportunidade, os ex-atletas do Roxinho receberam uma homenagem do clube pela conquista há 40 anos do título citadino.

– Foi um campeonato com times bons. A concentração era só para o pessoal de fora, mas dia de jogos importantes tinha uma concentração com o pessoal da cidade. As casas eram no Parque Leopoldina, na Arthur Emiliano Costa e na Alberto Torres. Tinha o hotel da Estação. Foi um time mesclado. O Campos chegou à decisão. Dispensou muitos jogadores profissionais, deu uma oportunidade na época ao que se chamava de juvenis, onde eu tive a oportunidade de subir com o Rubinho e o Zé Antônio. Disputamos o último campeonato campista, onde nós fomos campeões depois de 20 anos que o Campos não tinha um título, nós tivemos essa felicidade – disse o ex-zagueiro Zé Luís.

– Foi uma campanha que o time do Campos Atlético Associação começou despontando na frente. Seu Alcântara era o técnico. O time nosso era muito bom, era um time que valia à pena. A final foi contra o Paraíso, que era um timaço, tinha Macedo, Balula. Todos os jogos das finais foram em campo neutro, no estádio do Americano. Os primeiros dois jogos terminaram empatados. E na finalíssima, o Godofredo Cruz lotou. Ganhamos o jogo, foi uma festança danada. Foi todo mundo para a sede do clube e no salão nobre foi uma coisa

linda, chope rolou direto, festa até de manhã cedo – conta o ex-zagueiro Xavier, autor do gol de empate na primeira partida das finais.

O campeonato foi decidido numa melhor de quatro pontos. Ou seja, quem ganhasse duas partidas (na época a vitória valia 2 pontos) ou ganhasse uma e empatasse duas, como foi o caso do Campos, se sagraria campeão.

### **Campanha**

Campos 1 x 1 Paraíso  
Campos 0 x 0 Cambaíba  
Campos 2 x 2 Rio Branco  
Campos 3 x 2 Cambaíba  
Campos 0 x 1 Rio Branco  
Campos 2 x 1 Sapucaia  
Campos 1 x 1 Paraíso  
Campos 0 x 0 Paraíso  
Campos 2 x 0 Paraíso

### **Achei**

Zé Luís, 59 anos (zagueiro). Data de Nascimento: 9 de julho 1957. Natural de Itaperuna-RJ. Mora atualmente no bairro Parque Nova Brasília, em Campos dos Goytacazes-RJ. Trabalha há 37 anos na Purac, indústria química localizada no bairro da Lapa, em Campos dos Goytacazes-RJ.

Joãozinho, 62 anos (meio-campo). Data de Nascimento: 9 de março de 1954. Nascido e criado no bairro Parque Leopoldina, em Campos dos Goytacazes-RJ, próximo ao estádio do clube, onde continua morando atualmente. Funcionário público aposentado e taxista com ponto em frente à antiga Faculdade de Filosofia de Campos.

Tatalo, 63 anos (atacante). Data de Nascimento: 24 de março de 1953. Trabalha há 26 anos na área de raios-X do Hospital Doutor Beda.

\*Fernando Gavião, 69 anos (lateral-esquerdo). Data de Nascimento: 17 de junho de 1946. Mora atualmente na Praia de Gargaú, em São Francisco de Itabapoana-RJ. Aposentado. (\*Atualização em 2020: Faleceu no dia 26 de outubro de 2019).

\*\*Zé Antônio, 60 anos (atacante). Data de Nascimento: 9 de junho de 1956. Trabalha no ramo de estacionamento, no centro da cidade de Campos. (\*\*Atualização em 2020: Faleceu no início de 2017).

Xavier, 62 anos (zagueiro). Data de nascimento: 8 de novembro de 1953. Empresário. Mora em São Fidélis-RJ.

Rubinho (volante), 60 anos. Data de Nascimento: 22 de Janeiro de 1956. Mora no prédio Baleeirão, no Parque Leopoldina, próximo ao clube. Trabalha atualmente no clube como técnico das categorias Sub-11 e Sub-13.

Mauro (goleiro), 63 anos. Data de Nascimento: 16 de julho de 1953. Trabalha nos Correios da 7 de Setembro, em Campos dos Goytacazes-RJ. Mora no Parque Tarcísio Miranda, em Campos dos Goytacazes-RJ.

O meio campo Calomeni foi convidado por intermédio do zagueiro Xavier, mas não pode comparecer à homenagem de 2016. Encontrei o meio campo Robson em 2019 e ele foi homenageado. Ele mora na Região dos Lagos do Estado do Rio de Janeiro. O volante e capitão Emílson, que também mora na Região dos Lagos, foi encontrado com auxílio de Robson, mas não pôde comparecer à nova homenagem em 2019. Encontrei o técnico Paulo Alcântara em 2020 morando na casa do filho em Niterói e para ele foi enviado pelos Correios um certificado e uma foto do time campeão!

Participaram ainda da campanha vitoriosa o goleiro Dilsinho, o lateral direito Sérgio Alcântara, o zagueiro Rosivan e o meio-campo Gérson Morobá. Estes não foram encontrados. O atacante Ori, que foi o autor dos dois gols do título, segundo informações, está falecido.



## **Sem perspectiva de voltar aos profissionais, Rio Branco completa 104 anos**

*5 de novembro de 2016*

O Clube Esportivo Rio Branco, de Campos dos Goytacazes-RJ, completa neste sábado, dia 5 de novembro, 104 anos de fundação. Licenciado da Federação de Futebol do Estado do Rio de Janeiro (Ferj), o Róseo Negro não disputa competições profissionais desde o ano do centenário do clube, em 2012, quando jogou a Série B do Carioca.

E as perspectivas no Rio Branco não são de voltar ao Futebol profissional. É o que afirma o vice-presidente geral do clube, o cronista esportivo Arnaldo Garcia em sua coluna “Vibração da Galera”, publicada semanalmente às sextas-feiras na edição impressa do jornal Folha da Manhã e on-line no Blog Valvulado e a Luz, do jornalista Antunis Clayton.

– A agremiação segue com as divisões de base e vai e se firmando como clube social. Recentemente foi recusada uma proposta para voltar ao profissionalismo, grande vilão nos

últimos anos – escreveu Arnaldo Garcia, informando ainda que “a data será marcada com a celebração de uma missa na Catedral Diocesana de Campos”.

Breve histórico – O Rio Branco foi fundado no dia 5 de novembro de 1912 com o nome de Rio Branco Futebol Club. A fundação ocorreu junto a uma Palmeira da Praça da República. Seu primeiro campo ficava localizado na Rua Dr. Siqueira e a sua primeira sede situada à Rua Sacramento, nº 91. O nome é uma alusão ao Barão do Rio Branco. Seu mascote é o Carcará.

Por muitos anos, o Rio Branco possuiu um campo na Rua 7 de Setembro. No início da década de 1980 se transferiu para o Parque Calabouço, no distrito de Guarus. A cor rosa do uniforme remete aos rostos corados dos meninos que fundaram a agremiação.

O Rio Branco obtém os seguintes títulos: Campeonato Campista (1917-28-29-31-49-58-61-62), Campeonato Fluminense (1961-62) e 3ª Divisão do Carioca (1984 e 2001). Outro feito do clube que revelou Didi “Folha Seca” foi ter disputado a Taça Brasil na década de 60.



# **Dedicatória profética, camisa da sorte, santinhos católicos e sugestão de jogada ensaiada: Histórias do acesso do Roxinho**

*24 de setembro de 2016*

Há pouco mais de um mês de completar 104 anos de fundação, no dia 26 de outubro, o Campos Atlético Associação, chega ao ponto máximo de sua história até a contemporaneidade. De um clube abandonado a um time de 1ª divisão foram poucos e sofridos anos em que muita coisa aconteceu. E eu fui testemunha de muitas histórias à medida que vivi intensamente a saga do Roxinho rumo à elite.

Volto ao ano de 2007. Estava a caminho da antiga Faculdade de Filosofia de Campos (Fafic), onde estudava no curso de Jornalismo. Passo de ônibus em frente ao estádio Ângelo de Carvalho e decido descer. Entro no campo onde vivi bons momentos de minha infância quando jogava na escolinha do clube na equipe treinada pelo ex-jogador Magno Prisco, o Maguinho. Conheço o então atual treinador das categorias de base, Randal Turrini, com quem venho a fazer amizade.

O Campos naquela época disputava apenas os campeonatos da Liga Campista de Desportos (LCD) nas categorias infantil (Sub-15) e juvenil (Sub-17). Aproximei-me do clube e tornei-me meio que um assessor de imprensa. Divulgava jogos mais importantes, como os clássicos, e finais de campeonato.

Em 2008 o Campos chega à decisão nas duas categorias, Sub-15 e Sub-17. Na semana dos jogos finais vou ao clube e, com o consentimento do técnico Randal, distribuo vários santinhos de São Benedito aos jogadores. No final de semana, o Roxinho sagra-se campeão campista do infantil e do juvenil.

Claro que não posso atribuir as vitórias e os títulos totalmente à intervenção divina. Foi só uma superstição que deu certo. Até porque os protestantes por exemplo não acreditam em santo. Mas São Benedito é o padroeiro do clube e acredito que tenha dado uma forcinha.

Pula para o ano de 2012. Lançamento do livro sobre o centenário do clube na Bienal no Cepop (Centro de Eventos Populares Osório Peixoto). Já para o final do evento, o técnico Rafael Soriano, que eu conhecia de nome, chega e compra um dos últimos livros. Na dedicatória eu escrevo mais ou menos assim: “Desejo que você no futuro seja técnico do Campos”! E não é que ele se tornou o maior técnico da história do clube? O técnico que levou o Roxinho da inatividade para a Série C, da Série C para a Série B e da Série B para a Série A!

Mais um salto no tempo e chegamos ao ano de 2016. O Campos já estava na Série B. Os dois primeiros jogos em que vou, o Roxinho perde para Americano e Queimados. Decido não usar mais nenhuma das duas camisas que eu havia usado nesses jogos. Escolho uma camisa pólo roxa que minha mãe me deu para ir às partidas seguintes. Camisa esta que o próprio presidente licenciado do clube, Marcinho, afirmou que era da sorte e com a qual não perdemos mais.

Enquanto o campeonato esteve paralisado comunico-me pelo Facebook com o goleiro Bambu, que descubro ser católico pelo fato de ter postado uma foto que tirou em frente a uma gruta de Nossa Senhora Aparecida. Marco de levar para ele dois santinhos, um de Nossa Senhora Aparecida, imagem

muito usada em vários vestiários Brasil afora; e de São Benedito, padroeiro do Roxinho.

Chego ao estádio em dia de treino e Bambu está sentado logo na entrada. Dou a ele os dois santinhos. Voltamos a nos comunicar pelo Facebook e comento com ele que o goleiro Onildo campeão campista de 1956 em cima do então maior rival, o Goytacaz, contou que a jogada do gol do título começou com ele. E sugiro a Bambu que, com a aprovação do técnico Soriano, ensaie uma jogada lançando a bola para a lateral para o Paquetá ou o Manga e um ou outro finalizar.

Na data de hoje eu estava num curso que faço aos sábados, mas não resisti e fugi para ir ao estádio acompanhar o jogo do sub-20 do Roxinho pelo torneio OPG (Otávio Pinto Guimarães) contra o Flamengo. Ao chegar ao estádio ouço um grito de gol. Era o narrador Almeida Salles, o Almeidinha, que tinha ido assistir ao filho Marquinhos jogar pelo Roxinho. Almeidinha estava com um rádio ouvindo a transmissão do jogo histórico do acesso narrado por Arnaldo Garcia. Era o primeiro gol do Campos, marcado por Vinicius Paquetá em jogada ensaiada que saía dos pés do goleiro Bambu.

Quem sou eu para achar que fui fundamental ou mesmo importante para a construção desta história. Mas penso que tenho minha parcela de contribuição. Os méritos estão mais na diretoria, comissão técnica, torcedores e, especialmente jogadores, que sofreram com duros treinamentos, viagens longas, concentrações, cansaço, contusões, enfim, uma série de fatores, os quais superaram para cumprir a missão de fazer do Campos um clube maior. Para terminar quero deixar claro que coloco Deus acima de todas essas coisas. Foi Ele quem permitiu que o Roxinho chegasse vencedor ao final desta saga.



# 40 anos do último título de campeonato profissional do Campos

*18 de setembro de 2016*

O Campos (Roxinho) conquistou nos dois últimos anos duas finais de turno nos profissionais, uma na Série C em 2015; e outra na Série B em 2016. Mas um título de campeonato nos profissionais, o Roxinho não conquista há 40 anos, desde que se sagrou campeão do Campeonato Campista de Profissionais em 1976. Naquela época, o Campos já estava há 20 anos sem ser campeão profissional, desde o grande triunfo no certame citadino sobre o rival Goytacaz em 1956. O título de 1976 veio num Dia dos Namorados, 12 de junho, numa final contra o Paraíso, time da usina de Tócos, no estádio Godofredo Cruz. O Roxinho venceu por 2 a 0, com dois gols de Ori, coincidentemente um aos 37 minutos do 1º tempo e outro aos mesmos 37 minutos do 2º tempo. O time campeão formou com: Dilsinho, Sérgio Alcântara, Zé Luis, Xavier e Fernando Gavião; Rubinho, Emilson e Robson, (Joãozinho); Ori, Tatalo e Zé Antônio. Técnico: Paulo Alcântara.

– Mas como aquele time-menino jogou contra o Paraíso, que se esterrou (*sic*) de fragilidade diante da paixão roxa! Time menino – não sei se me entendem – Pareciam os atletas querubins, fugidos da bíblia-sagrada a tempo de vencer o inferno, purgatório e Paraíso. Os alados não tocavam a grama, adejavam e se lançavam por entre os adversários (...) Um campeão de raça que armou um time veloz e menino e partiu contra os Golias, vencendo-os à base do estilingue (...) Parabéns

à equipe lesta, humilde e máscula do Campos de todos nós – escreveu na edição do extinto jornal A Cidade do dia posterior à partida decisiva , o jornalista Orávio de Campos, neto de Múcio da Paixão, primeiro presidente da Liga Campista de Desportos (LCD), que era torcedor do Roxinho e que deu nome à taça levantada pelo capitão do Campos, Emilson.

– Naquele ano de 1976, pela primeira vez o campeonato campista era disputado sem suas duas grandes forças (Americano e Goytacaz, que já haviam entrado na disputa dos Campeonatos Carioca e Nacional). Eu já não acompanhava muito o Futebol de Campos, mas não pude deixar de comparecer àquela partida. Decisão do campeonato: Campos x Paraíso, no campo do Americano. Vi o Campos sair de lá campeão do último campeonato campista de Futebol. Meu avô, que havia me ensinado a amar o “roxinho”, já não estava nesse mundo, mas aquele jogo eu vi por ele, e voltamos pra casa campeões – conta o escritor Márcio de Aquino, torcedor do Roxinho, em crônica com o título “Memórias Esportivas”, publicada em duas partes em seu blog Tarati Taraguá nos dias 21 e 23 de março de 2010.



# **Aliança, da Usina do Queimado, o tricampeão campista consecutivo (1936-37-38) na era amadora**

*7 de julho de 2016*

Fundado no dia 24 de abril de 1932, o Sport Club Aliança, resultou da fusão do Queimadense FC com o SC Nogueira, ambos times da Usina do Queimado, o segundo que recebeu este nome em homenagem aos líderes da empresa na época, os irmãos Julião Nogueira e Jorge Nogueira.

Já no dia da fundação, o Aliança realizou sua primeira partida. Foi diante do Itatiaia no antigo campo do Goytacaz no bairro da Lapa. O jogo principal terminou empatado em 1 a 1. Na preliminar, entre as equipes aspirantes, o Aliança perdeu de 3 a 1 para o Goytacaz.

Mas o início da trajetória sem vitória não representaria desânimo para o clube que na segunda metade da década de 30 sagrou tricampeão consecutivo do Campeonato Campista.

A sequência de títulos veio em 1936-37-38. A coincidência é que nos três anos o Aliança deixa de ser campeão invicto por uma derrota em cada certame.

Em 36, o Aliança só perde para o Goytacaz por 2 a 1. O título vem após o time da Usina do Queimado aplicar uma goleada de 6 a 2 no Americano.

Em 37, o certame foi disputado em três turnos. A única derrota foi uma goleada de 4 a 1 para o Industrial no 2º turno, a qual o Aliança devolveu com a mesma moeda no 3º turno. A taça é levantada após uma vitória de 3 a 1 sobre o Campos.

Em 38, o Aliança novamente só perde uma partida, o que o impede novamente de ser campeão invicto. E esta derrota acontece para o Campos por 2 a 1. O time da Usina do Queimado é campeão após uma aplicar uma goleada de 4 a 0 no Industrial.

Um dos grandes jogadores que atuaram com a camisa do Aliança foi Lelé, que depois se transferiria para o famoso “Expresso da Vitória” do Vasco. Lelé fez tanto sucesso no cruzmaltino, que foi citado em uma música do conterrâneo campista, o flamenguista Wilson Batista.

Com o advento do profissionalismo, o Aliança, de cunho amador, desapareceu em data desconhecida, dando origem ao União do Queimado, outro time que passaria a representar a Usina em campeonatos amadores, um dos quais conquistaria na década de 60.

O SC Aliança não pode ser confundido com o Aliança Foot-Ball Club, fundado em 1912, mesmo ano de outros clubes de Campos dos Goytacazes, como Industrial, Goytacaz, Campos e Rio Branco e que junto destes e outros fundou a Liga Campista de Desportos (LCD) em 1913.



## **“Americamos”: 1º dérbi campista na Série B neste sábado**

*25 de março de 2016*

O último dérbi “Americamos” \* (Americano x Campos) válido pelos profissionais foi a semifinal de um torneio nos idos de 1975. A Taça José Antônio Ferreira de Araújo, que acabou

com a vitória do Roxinho por 2 a 1. O Campos venceria o Madureira nos pênaltis na final.

Após este jogo, o Campos cedeu quatro jogadores, o goleiro Gato Félix, o ponta Lauro e mais dois, além do técnico Paulo Henrique para o time do Americano, que viria a disputar pela primeira vez o Campeonato Nacional.

Em 75, ano em que conquistou o Eneacampeonato Campista, o Americano não conseguiu vencer o Campos. Além desta derrota no torneio, foram dois empates, um em 0 a 0 e outro em 1 a 1.

A edição do jornal Monitor Campista de 13 de março de 1932, acerca de um jogo amistoso entre o Campos e o Americano alertava: “Sempre que se encontram essas duas esquadras, há sempre um jogo movimentado.”

“Os encontros entre os dois ardorosos adversários na hora da luta, revestem-se de animação e interesse. Ambos fortes, ambos decididos, ambos dispostos ao maximo ardor da peleja, cada qual se empenha pela victoria. Basta isso para que se tenha um jogo sensacional.”

As equipes do Campos Atlético e do Americano se enfrentam neste sábado, às 15 horas, no estádio Ângelo de Carvalho, no Parque Leopoldina, em partida válida pela 5ª rodada da Série B do Carioca.

Durante a semana cogitou-se a possibilidade do jogo ser levado para o estádio do Goytacaz, o Aryzão, mas a diretoria do Roxinho e a Federação confirmaram o confronto para o Ângelo de Carvalho, que deverá receber um grande público.

O Cano vem embalado pela primeira vitória na competição, quarta-feira diante do Belford Roxo; e o Roxinho faz uma campanha regular, com o mesmo número de pontos do adversário (5), uma vitória, dois empates e uma derrota.

*\*O texto original foi publicado com o nome do clássico como "Camcano".*



## **Goytacaz e Campos fazem o Clássico Vovô Campista**

*4 de março de 2016*

O clássico entre Goytacaz e Campos, que tem sido chamado de “Clássico da Amizade”, historicamente sempre foi conhecido como o “Clássico Vovô Campista”, pelo fato dos clubes serem os mais antigos em atividade na cidade, ambos de 1912, o Goytacaz de 20 de agosto e o Campos de 26 de outubro. O termo é uma clara referência ao “Clássico Vovô” da capital entre Fluminense e Botafogo, o primeiro de 1902 e o segundo de 1904. Recentemente tivemos no Rio a reedição do “Clássico Bisavô” entre América e Bangu, clubes rivais que foram fundados no mesmo ano, 1904.

No Rio há também uma confusão quando se fala de Botafogo e Vasco, que alguns chamam de “Clássico da Paz”. Na verdade, o “Clássico da Paz” é entre América e Vasco. Botafogo e Vasco, este sim, é o “Clássico da Amizade”. Entendemos que as diretorias de Goytacaz e Campos estejam em harmonia e queiram tratar o jogo amistoso deste sábado, às 15h30, no Aryzão, de “Clássico da Amizade”, afinal os dois clubes se uniram para uma partida em que vão cobrar ingresso (no valor de 10 reais) para angariar recursos para as clubes. Mas o termo

histórico “Clássico Vovô Campista” deve ser respeitado. É uma questão de conhecimento.

Goytacaz e Campos alimentaram uma grande e sadia rivalidade, principalmente na década de 50, quando o Goytacaz conquistou vários títulos, um destes sobre o Campos e o Campos conquistou o que considera o mais importante da sua história, em cima e na casa do Goytacaz, que sempre foi considerado o maior rival do Roxinho. Não estamos incentivando nenhum tipo de ódio entre torcedores, mas sim uma rivalidade sadia. Como o clássico entre Goytacaz e Americano em 2015 foi tratado de “Clássico da Paz”, ação de se bater palmas, é de se elogiar também que, pelo bom relacionamento das diretorias de Goytacaz e Campos, o clássico entre eles seja tratado de “Clássico da Amizade”. Mas Goytacaz e Campos foi e sempre será o “Clássico Vovô Campista”!



# **CAPÍTULO 4**

## **BOTAFOGO**

### **DE SOFRIMENTOS**

### **E ALEGRIAS**



*O Botafogo é um dos grandes amores da minha vida! (Arte: Soza)*

# Uma viagem ao passado

*8 de abril de 2020*

Você já sonhou em voltar no tempo? Eu já. Meu filme preferido é "De volta para o futuro"! E você sabia que o ano em que Marty McFly viaja para o futuro é o de 2015? Sim, o filme foi lançado e se passa em 1985. No primeiro filme da trilogia, ele volta 30 anos no passado, para 1955. E por que "De volta para o futuro" e não "De volta para o passado"? Porque no final de "De volta para o futuro 1", o cientista Dr. Brown volta do futuro para avisar a Marty Mcfly que eles teriam de voltar ao futuro para resolver um problema com os filhos de Marty Mcfly. E o ano para o qual Dr. Brown teve de voltar em "De volta para o futuro 2", agora com Marty McFly, foi o de 2015, 30 anos depois de 1985.

Dois mil e quinze foi o ano em que o Botafogo disputou pela segunda vez a segunda divisão do Brasileirão. E por que estou falando disto? (Rs) Só para fazer a ligação do ano de 2015 com o Futebol. E por 2015 ser um ano recente. E porque eu gosto de fazer o chamado nariz de cera antes de entrar no assunto principal. E neste nariz de cera geralmente começo com um outro assunto sem ser Futebol. Espero que você goste. Se não, diga sobre o que quer que eu escreva. Pois bem. Mas voltando ao Futebol, o porquê do título do texto. Porque tenho assistido a muitos jogos antigos nesta quarentena na quaresma. E você?

Hoje assisti pelo Sportv à goleada de 4 a 1 do Botafogo de 2007 sobre o Cruzeiro. Aquele time jogava muito bonito e incomodou muita gente. Tanto que tiraram o artilheiro Dodô de combate com aquela história de dopagem. Uma pena a equipe do treinador Cuca não ter conseguido conquistar nenhum título

sem ser taças de turno. Isto porque também foi muito prejudicada pela arbitragem na final do Carioca contra o Flamengo e na semifinal da Copa do Brasil com o Figueirense, ambas em 2007.

O Botafogo de Cuca foi semelhante, guardadas as devidas proporções, ao que foi o Botafogo da década de 1970, que também não conquistou títulos, mas apresentou um grande Futebol com jogadores históricos, como Mendonça, que chegou a afirmar certa vez que não era jogador e sim torcedor do Botafogo. Um caso raro de atleta que honrava e muito a camisa. Por isto, Mendonça mesmo sem ter sido campeão com o Botafogo, é reconhecido como ídolo da torcida botafoguense.

Se eu pudesse voltar ao passado com certeza eu ia querer estar na final do Carioca de 89 quando o Botafogo venceu o Flamengo por 1 a 0, gol de Maurício, e se sagrou campeão invicto. Por mais que o Botafogo tenha conquistado outros títulos entre 69 e 89, a conquista da noite de 21 de junho de 1989, uma quarta-feira, é até hoje a mais lembrada pelos botafoguenses. O problema de voltar ao passado é que, conforme já foi noticiado, esta possibilidade poderia até existir, mas quem voltasse ao passado não poderia voltar de lá logo. Assim eu não ia querer. Afinal, demoraria mais para ver um dia o Botafogo conquistando títulos mais valorizados, como espero que no futuro aconteça. É isto.



# **Causos da Bola: Mulheres e tragédias de Garrincha**

**Craque do Botafogo e da Seleção Brasileira colecionou prazeres e problemas**

*9 de junho de 2019*

O livro *Subterrâneos do Futebol*, de João Saldanha (1980), republicado em 2001 com o título de *Histórias do Futebol*, traz um caso interessante envolvendo o grande Garrincha, jogador de Futebol que dispensa apresentações. Que o “Torto”, como o chamavam o próprio João Saldanha e os colegas de time, entortava todo mundo, os quais chamava curiosamente de “Joões”, é de domínio público. Muitos sabem também da fama de mulherengo de Garrincha, mas não imaginam como o “Torto” driblava as pessoas para conseguir seu intento.

João Saldanha conta em *Subterrâneos do Futebol* (*Histórias do Futebol*) que Garrincha pagava aos jogadores para se passarem por ele, enquanto saía às escondidas da concentração à noite para farrear. Em muitas destas farras, Garrincha se enamorava com mulheres que conhecia. Com uma destas, Garrincha chegou a dizer que havia ficado noivo. Foi em Londrina, Paraná, onde o Botafogo foi jogar um amistoso. Garrincha não só ficou noivo, como engravidou a menina, a qual apelidou de “Cabeluda”. Os dois teriam transado dentro de um cinema. Pode?

Outra escapulida famosa de Garrincha, também com a delegação do Botafogo em excursão, foi na Suécia em 1959, onde Garrincha deixou lá um herdeiro, Ulf Lindberg. Muitos

chegam a confundir que o caso teria acontecido durante a Copa do Mundo de 1958 na Suécia, quando Garrincha servia à Seleção Brasileira, que acabou Campeã Mundial pela primeira vez. Em janeiro de 2017 foi noticiada a contratação do neto de Garrincha, Henrik Johansson, filho de Ulf, pelo Brentford, time então na segunda divisão da Inglaterra.

O filme Estrela Solitária, de Milton Alencar (2003), sobre Garrincha, mostra uma cena em que Garrincha, interpretado por André Gonçalves, se encontra numa cachoeira com Nair, interpretada por Roberta Rodrigues. O resultado é uma linda cena de sexo entre os dois, que tiveram oito filhos juntos, sendo as oito meninas. Ruy Castro conta na biografia de Garrincha, Estrela Solitária (1995), que Garrincha queria muito um menino, mas Nair tinha medo do sétimo filho em sendo menino se tornar lobisomem de acordo com a crença popular.

Garrincha teria um filho homem com Elza Soares, o Garrinchinha, que viria a falecer aos nove anos de idade, em 1986, após o carro onde estava cair no rio Imbariê, na estrada Rio-Magé, e Garrinchinha ficar preso embaixo do carro. Outro filho homem de Garrincha foi Neném, do relacionamento com Iraci, com quem também teve uma filha Márcia. Neném chegou a jogar bola no Fluminense, foi para o Belenenses de Portugal e para o Futebol suíço, mas faleceu aos 28 anos em mais um acidente de carro, em Portugal em 1982.



# **Botafogo x Flamengo: O Clássico da Rivalidade e das Goleadas Recíprocas**

*15 de agosto de 2017*

No estado do Rio de Janeiro, o clássico entre Flamengo e Botafogo é subestimado em relação ao Flamengo x Vasco e ao Fla-Flu. Mas o jornalista Maurício Menezes afirma: “Rivalidade é Flamengo e Botafogo”. Não à toa o confronto é conhecido como o “Clássico da Rivalidade”.

A rivalidade entre Flamengo e Botafogo se acirrou no final da década de 1920, quando aconteceram as maiores goleadas do confronto até a atualidade. No dia 15 de agosto de 1926, o Flamengo goleou o Botafogo por 8 a 1. A revanche viria logo no ano seguinte, quando a 29 de maio de 1927, o Botafogo aplicou um 9 a 2 no rival.

No dia 13 de março de 1932, o Botafogo goleou o Flamengo por 7 a 1 num amistoso. Em novo amistoso, no dia 8 de setembro de 1938, o Botafogo goleou o Flamengo por 4 a 0. A resposta veio rápido. Pouco mais de um mês depois, no dia 9 de outubro de 1938, o Flamengo goleou o Botafogo por 5 a 0.

Quatro décadas depois, o Botafogo fez 6 a 0 no Flamengo no dia do aniversário do clube, 15 de novembro de 1972. A revanche veio nove anos depois, no dia 8 de novembro de 1981, quando o Flamengo devolveu os 6 a 0.

O equilíbrio dos anos mais recentes, onde foram computados muitos empates, foi até 2013 quando o Flamengo goleou o Botafogo pela Copa do Brasil: 4 a 0.

Nas duas próximas quartas-feiras, as equipes voltam a se encontrar justamente na Copa do Brasil pelas semifinais.

Alguém que apostasse em goleada seria taxado de louco.

Mas sabemos que no Futebol tudo pode acontecer.

*\*Os jogos Botafogo X Flamengo pelas semifinais da Copa do Brasil de 2017 terminaram com os seguintes placares: Botafogo 0 x 0 Flamengo e Flamengo 1 x 0 Botafogo, passando o Flamengo para as finais, as quais perdeu nos pênaltis para o Cruzeiro.*



## Uma “arena” com alma

*17 de julho de 2016*

A “Arena Botafogo”, novo nome que recebeu o estádio Luso-Brasileiro, da Portuguesa Carioca, na Ilha do Governador, Rio de Janeiro; alia a modernidade de uma arena ao charme de um estádio antigo.

Mantendo a arquitetura original do charmoso Luso-Brasileiro, fundado em 1965; o Botafogo montou arquibancadas metálicas, que dotaram o local de maior possibilidade de receber maiores públicos.

Desde a fachada, passando pela entrada e interior, o Luso-Brasileiro carrega uma aura dos estádios mais antigos, com sua arquitetura de muito concreto. Até mesmo a lanchonete da parte social revela que o lugar é de saudosismo,

com espaço para pôsteres de formações antigas da querida Lusinha.

Uma experiência gratificante poder assistir mais uma vez a uma partida no Luso-Brasileiro, desta vez aproveitando melhor todo o ambiente espaçoso do estádio que em 2005 chegou a ser denominado de “Arena Petrobras”. Realmente uma boa alternativa em tempos de falta de opções no Rio de Janeiro.



## Como em 89

*17 de julho de 2016*

Sábado estive na inauguração oficial da Arena Botafogo para assistir ao empate em 3 a 3 entre Botafogo e Flamengo. Um jogo emocionante, que parecia perdido, quando o adversário fez 3 a 1. Perdido não para mim, que costumo acreditar sempre até o fim. Soube até que algumas pessoas chegaram a sair do estádio quando o rubro-negro abriu dois gols de diferença. Mas eu não desanimei. Cheguei a gritar que dava para empatar. No lance do gol de empate, quando Néilton pegou a bola pela esquerda, eu ajoelhei e, com um santinho de Nossa Senhora da Conceição rezei para padroeira do Botafogo, que me atendeu. Salgueiro e Airton foram os principais personagens da partida. Salgueiro, que marcou seu primeiro gol com a camisa gloriosa. E logo contra o maior rival. Na hora certa. E Airton, que aplicou um lindo chapéu no traíra Willian Arão na jogada do primeiro gol. Por falar no primeiro gol, vale destacar também o belo gol do lateral esquerdo Diogo Barbosa,

também o primeiro dele com a camisa do clube. Outros destaques vão para Camilo, que fez a jogada do gol de empate; Néilton, autor do segundo gol, que nos manteve vivos; e Luís Ricardo que, junto de Aírton, fez a jogada do segundo gol. Destaco ainda o zagueiro Emerson, que mesmo contundido, jogou bravamente, levando o time para frente e chegando a atuar de atacante. O resultado não foi bom - se ganhássemos estaríamos melhor colocados na tabela - mas diante das circunstâncias saímos com o sabor de vitória. Vamos terminar a rodada fora da zona de rebaixamento e no final de semana temos um jogo difícil contra a Chapecoense fora de casa. Devo lembrar, conforme faz referência o título do texto, que tanto o placar como a ordem dos gols são idênticos ao jogo do segundo turno do Campeonato Carioca de 89 em que acabamos campeões. A quase reação diante do Atlético Mineiro já havia me lembrado a partida com o Cruzeiro em 95. De superstições em superstições, vamos mantendo a esperança de que o time alce voos mais altos na competição. Para terminar, quero dizer que gostei muito do estádio, o qual já tinha conhecido em 2005, mas não lembrava muito e desta vez pude apreciar mais tanto a estrutura quanto o fato do lugar manter uma aura de estádio antigo, bastante charmoso.



## **Purgatório Purificador**

*28 de novembro de 2015*

Um dos mais importantes livros sobre o Botafogo, um dos clubes mais abordados na literatura, é "Entre o Céu e o Inferno", de Sergio Augusto. E o Botafogo, que sempre apronta

com a gente, para o bem e para o mal, realmente circula entre os contrastantes branco e negro. Este ano cumprimos nosso compromisso no purgatório, onde com o já habitual sofrimento pagamos muitos dos nossos pecados.

Supersticioso que é, o Botafogo não atravessou a escada para o paraíso, nem mesmo a subiu facilmente, como seria cômodo. A música dizia "Reage"! E o Botafogo reconheceu a queda, não desanimou, levantou, sacudiu a poeira e deu a volta por cima. No campo.

A viagem foi longa e começou como uma nova era cheia de incertezas, mas com esperanças. O Botafogo no início do ano não tinha sequer um time para chamar de seu. O que esperar de 2015? Os adversários diziam que íamos nos apequenar, virar um novo América e houve quem afirmasse que o clube até mesmo acabaria.

A esperança tinha um nome: Carlos Eduardo Pereira, presidente eleito para o triênio 2015-2016-2017. A equipe começou a ser montada com a contratação dos experientes Renê Simões (técnico) e Antônio Lopes (gerente de futebol), que deram credibilidade ao clube. Mas os jogadores contratados, pouco conhecidos, a princípio causavam desconfiança no torcedor e na imprensa.

Uma derrota no amistoso contra um time chinês no início da temporada serviu para aumentar ainda mais a desconfiança no time. Mas eis que no Carioca a equipe surpreende, é campeã da Taça Guanabara, numa conquista inusitada, onde o Botafogo vence o seu jogo e os jogadores terminam secando o maior rival, que tropeça e assim ficamos com o charmoso troféu.

Uma classificação nos pênaltis emocionante para a final do campeonato na partida contra o Fluminense, em que o

goleiro Renan foi o herói. E a perda do título para o Vasco não doeu tanto. Era consenso que o que importava era a Série B.

O Botafogo faz um campeonato regular, com algumas intempéries pelo caminho. Chuta as pedras, que rolam e viram bolas em direção aos gols, de Navarro, Néilton, Sassá, Luis Henrique, Ronaldo, etc., sem esquecer, para sermos justos, de Bill, Rodrigo Pimpão...

O goleiro Jefferson, que havia ficado no clube mostrando seu amor pela Estrela Gloriosa, foi o alicerce que sedimentou um plantel que soube suar e honrar a "camisa que enverga varal", como destacou Renê Simões.

O treinador, que ajudou a montar o elenco com Lopes, passou o bastão para Ricardo Gomes, que chegou num momento crucial onde a equipe oscilava e, auxiliado por Jair Ventura Filho, conseguiu manter o time no topo até o almejado acesso, culminando com o título como a cereja do bolo.

Novamente campeão nacional 20 anos depois. Comemorar? Sim, como disse Ricardo Gomes: "para nunca mais voltar"!

Agradecemos a todos os jogadores, desde Renan Fonseca, que só deixou de atuar em uma partida, até aqueles que entraram vez ou outra, mas que fizeram parte da festa.

Agradecemos à diretoria, à comissão técnica, aos funcionários, desde o botafoguense motorista do ônibus até os gandulas, que trabalham tendo o privilégio de assistir ao jogo de dentro do campo.

Nesta saga, recorri a Deus, Nossa Senhora da Conceição, a quem o Botafogo foi consagrado, São João Batista e Santa Terezinha das Rosas, nossos padroeiros, a Nossa Senhora Aparecida, que habita nosso vestiário, mas também a Nilton de Todos os Santos, São Garrincha, São Carlito Rocha e até mesmo a São Biriba.

A faixa no estádio lembra: "O Gigante Voltou"!

Como Fênix, o Fogo ressurgiu. E de cinza!

Torcemos para que o Bota daqui para frente resgate seus tempos de glórias.

Continuaremos a reverenciar nosso passado, nossa história, nossos ídolos.

Com orgulho do presente, como foi na efusiva comemoração no jogo derradeiro em que a torcida não parou de cantar um segundo e os fogos anunciavam o retorno triunfal, que nos dá motivos para esperar um futuro ainda melhor.

Onde esperamos conquistar ainda mais títulos. Quem sabe uma Libertadores, um Mundial! Para sermos ainda maiores do que já somos.



## O surpreendente Botafogo!

*16 de junho de 2012*

Jogo ganho, 2 a 0. Ou é placar perigoso? Para o Botafogo é. Que toma a virada. Leva três gols em seis minutos de um time que ainda não tinha feito gol no campeonato. Jogo perdido, 2 a 0 contra. Um jogador do time adversário é expulso. O time busca o empate, mas um jogador do seu time é expulso. O técnico improvisa um meia na lateral e esse meia atrasa uma bola, o goleiro refuga e sai atrasado. O time leva o gol. Mais uma derrota.

Próximo jogo contra o time considerado o que tem um dos melhores elencos do Brasil, difícil de ser batido em seus domínios. O Botafogo sofre o gol em mais uma falta de atenção da zaga. E quando tudo parecia perdido. Quando a gente pensava em desistir. O jogador o qual eu vinha criticando, que não vinha fazendo nada até aqui, diz a que veio e marca um golaço contra o seu ex-clubê. Numa cobrança de escanteio, esse mesmo jogador “briga” com a bandeira de escanteio, enrola para fazer a cobrança e quando a faz coloca na cabeça de um jogador que parecia que iria sair depois de parecer ter se machucado sozinho num lance.

Antes do gol da virada e da vitória, o jogador que havia atrasado a bola no último jogo que resultou no gol da derrota, sofre um pênalti claro, que o juiz não marca. Detalhe que minutos antes, o mesmo juiz num lance parecido consultou o auxiliar da linha de fundo – pela primeira vez isso aconteceu e tinha de ser contra o Botafogo – para não marcar o pênalti, que realmente foi fora da área. O primeiro, pois o segundo existiu.

Fim de jogo e vitória do time alvinegro, a segunda fora de casa. Com esses resultados o time recuperou-se das derrotas, a primeira em casa, quando tinha o jogo ganho e a segunda contra um time fraco fora, quando parecia que ia ganhar o jogo. Com mais a primeira vitória, também de virada, o time chega no primeiro quarto da tabela e dá a impressão que vai brigar por alguma coisa nesse campeonato. Esse é o Botafogo! Surpreendente como sempre. O time que tem feito os jogos mais emocionantes do campeonato. Do jeito que a gente gosta. Do jeito que a gente conhece.



# O Botafogo e as Ditaduras

*14 de fevereiro de 2012*

O Botafogo e sua torcida foram os que mais sofreram durante a Ditadura Militar Brasileira. De 1968 – ano da publicação do Ato Institucional Nº 5 – até 1989 – ano da primeira eleição direta para presidente da República – o Botafogo ficou sem ganhar um título oficial. O ano de 68 foi tão barra que o título da Taça Brasil, reconhecido como Campeonato Brasileiro recentemente, só viria a ser conquistado em 1969. Em 89, pouco antes de Collor se eleger depois de derrotar Lula no segundo turno, o Botafogo poria fim a um jejum de quase 21 anos sem gritar “É Campeão”!

E foram várias as oportunidades de soltar o grito de “É Campeão”. Em 1971, o Botafogo seria campeão carioca se não fosse um gol polêmico do Fluminense no finzinho da partida. Ainda em 1971 chegou à final do Brasileiro. Em 1972, o Botafogo chega novamente às finais do Brasileiro, mas perde o título para o Palmeiras. O clube segue montando bons times na década de 1970. Em 1975 mais uma final contra o Fluminense. O Botafogo precisava ganhar de 3 a 0 (era um triangular que reunia também o Vasco), vence só por 1 a 0 e perde o título no saldo de gols. Em 1977 faz uma bela campanha no Brasileirão, mas o título escapa de novo. De 1977 a 1978 chega a ficar 10 meses invicto, o que faz do Botafogo até hoje o dono do recorde do Futebol Brasileiro de maior sequência sem derrotas em jogos oficiais.

Vem a década de 1980 e, quando começam as manifestações pela abertura, que queriam geral e irrestrita, mas acontece lenta e gradual; pois lá está o Botafogo. Em 1984, no comício das Diretas Já na Candelária, no Rio de Janeiro, em

meio a um milhão de pessoas lá está uma bandeira do Botafogo tremulando. A década já se encaminhava para o seu fim quando o Botafogo pôs fim a mais uma ditadura, a rubro-negra, que impunha às crianças a falácia de um time fabricado para ser unanimidade, com o intuito de formar uma massa alienada alheia aos problemas do país. Por tudo isso é que o botafoguense é chamado de “sofredor”. Pois viveu na própria pele as dores da perseguição, tortura e falta de liberdade.

Apesar disso, o botafoguense tem o direito, e isso ninguém tira dele, de dizer que seu clube, o Glorioso da Estrela Solitária, foi o que mais cedeu jogadores à Seleção Brasileira, o que mais teve artilheiros do Campeonato Carioca, que teve ídolos, verdadeiros craques, como Heleno de Freitas, Nilton Santos, Garrincha, Didi e Gérson "Canhotinha de Ouro", entre outros grandes jogadores.



## O Palito de Churrasco

*14 de outubro de 2011*

Há alguns anos, em Campos, no Rio, o time master do Botafogo participou de um jogo contra o master do Flamengo. Uma das atrações daquele time era o atacante Maurício, camisa sete alvinegro, autor do gol do título carioca de 1989 sobre o Flamengo. Neste jogo de veteranos, Maurício marcaria o gol do Botafogo, num lance parecido com o gol que marcou (o primeiro) no empate em 3 a 3 no mesmo ano de 89, no jogo em que me tornei botafoguense. Nesse jogo, o Botafogo perdia por 3 a 1 e foi buscar o resultado num golão do meia Vítor e

um gol contra do zagueiro Gonçalves, que no ano seguinte se transferiria para o time da estrela solitária.

Mas voltando ao jogo de veteranos em Campos, a partida virou um a zero para o Botafogo, gol de Maurício, como em 89, ano em que o Fogão foi campeão invicto. Detalhe é que nesse clássico de veteranos eu estava com uma camisa alvinegra antiga, de malha, que era do meu pai. Assim que cheguei ao estádio do Goytacaz, onde foi disputado o clássico, torcedores do Flamengo mexeram comigo falando que aquela camisa, do início da década de 1990, com o patrocínio da Coca-Cola, era da época de Paulinho Criciúma.

Quanto ao jogo em si, no intervalo resolvi fazer uma "macumba" e enterrei um palito de churrasco atrás do gol onde o goleiro do Botafogo ficaria, na expectativa de proteger a meta alvinegra. Aquela baliza tinha sido a mesma em que Maurício, o camisa sete, havia marcado o gol que ia garantindo a vitória para o Botafogo sobre o arquirrival Flamengo. Para melhorar o "trabalho" fui para trás da meta do goleiro rubro-negro, o falecido Zé Carlos, para provocá-lo. Chamava-o de frangueiro e de ladrão. Zé Carlos agora era empresário e havia, sorrateiramente, vendido para o Atlético-MG um jogador da base do Botafogo, Hugo, morador de São Fidélis, no interior fluminense.

Nesse momento, alguns torcedores do Flamengo, vendo que eu estava atrapalhando o goleiro do time deles - que chegou a discutir comigo, foram em minha direção e me ameaçaram. Coagido - era uns 10 truculentos - resolvi sair dali de trás do gol de Zé Carlos. E não sei por que cargas d'água, tive a idiota ideia de ir atrás do gol defendido pelo goleiro do Botafogo para tirar o palito de churrasco. Não é que quando vinha saindo, parece que distraí o nosso arqueiro, que foi surpreendido com o chute de Júnior Capacete. A bola entrou

cruzada como no gol de Gighia na final da Copa de 50 entre Brasil e Uruguai.

O jogo terminou empatado no tempo normal em 1 a 1 e foi para os pênaltis. Os jogadores alvinegros perderam várias cobranças e o rubro-negro acabou conquistando a taça do torneio. Eu fui às lágrimas, como os torcedores brasileiros no Maracanazo. A minha "macumba" improvisada virou contra o feiticeiro. Pelo menos, tive o imenso prazer de ver pessoalmente o camisa sete Maurício marcar contra o Flamengo como em 89. Mas apesar de já passados cerca de 10 anos, a voz da consciência persiste em indagar: por que eu arranquei aquele palito de churrasco?



## **Em 62, Botafogo ajudou o Brasil a conquistar o bicampeonato mundial**

*3 de setembro de 2009*

Em 1962, no Chile, no jogo contra a Espanha pelas quartas-de-final, cinco jogadores do Botafogo participariam de lances decisivos na partida. Primeiro, Nilton Santos, que fez um pênalti no adversário e teve a genialidade de dar um passo à frente e enganar o juiz. Àquela altura, a partida estava 1 a zero para a Espanha, que se marcasse mais um gol poderia eliminar o Brasil da competição e impedir o Bi da Seleção.

No segundo tempo, Amarildo, que substituíra Pelé contundido, faria os dois gols da virada do Brasil. No primeiro, após passe cruzado de Zagallo pela ponta esquerda. No segundo, a jogada começa com um lançamento preciso de Nilton Santos para Didi. O maestro domina a bola, passa-a para Garrincha, que engana três adversários e cruza para Amarildo marcar.

Nilton Santos, além do lance do pênalti que o juiz viu falta fora da área, ajudou Amarildo a se controlar, visto que um adversário tinha cuspidinho na camisa. Nilton teria dito a Amarildo, que tinha fama de brigão, para não revidar, senão acabaria expulso. Amarildo responderia com os gols que garantiram a Seleção na semifinal.

No jogo decisivo contra a Tchecoslováquia, Amarildo marcaria mais uma vez. E o Brasil se sagraria bicampeão mundial, com a base formada por jogadores do Botafogo e do Santos.



## **Botafogo e Seleção, uma parceria que já deu certo**

*3 de setembro de 2009*

A última vitória da Seleção Brasileira jogando na Argentina contra os *hermanos* foi no dia 08 de novembro de 1995, em Buenos Aires, em jogo válido pela Copa em homenagem ao Jubileu de Ouro do jornal Clarín. O Brasil

venceria por 1 a zero, gol do pantera Donizete, após passe de Beto, pela direita. Os dois jogadores pertenciam ao Botafogo, que se sagraria campeão brasileiro daquele ano.

Além de Beto e Donizete, o time titular da Seleção ainda tinha Túlio Maravilha, em grande fase. Outros botafoguenses que eram sempre convocados por Zagallo eram o formiguinha Sérgio Manoel e o cão de guarda Leandro Ávila. Bons tempos aqueles em que o Botafogo cedia jogadores à Seleção. A última vez que isso aconteceu foi na Copa de 1998, na França, em que Bebeto e Gonçalves foram convocados.



## **O Botafogo e os botafoguenses se apaixonaram pela Libertadores**

*26 de setembro de 2017*

Foram sete meses e 19 dias de um amor intenso. A relação do Botafogo e sua torcida com a Copa Libertadores foi forte o bastante para deixar uma cicatriz no peito de cada jogador, comissão técnica, diretoria e torcedor. Uma dor imensa com a eliminação e, por ora, o fim do sonho do título inédito que elevaria o clube à galeria dos grandes campeões da América.

Virou clichê dizer que muitos não acreditavam. E não acreditavam mesmo. Desde a Segunda Fase, a chamada Pré Libertadores, começou uma linda história de superação da desconfiança até mesmo de sua própria torcida, acostumada a

desconfiar de tudo e de todos. O Niltão lotado em cada jogo em casa. Heróis improváveis como Pimpão, artilheiro do time na competição; e Gatito, que chegou a ser contestado no início após algumas falhas.

Alguns saíram pelo caminho, casos dos meias Montillo e Camilo e o atacante Sassá. Perdemos por contusão Airton, autor do nosso primeiro gol na Libertadores 2017, um cartão de visitas e tanto. De sofrimento em sofrimento, fomos passando de fase e por momentos de intensa alegria. Foram várias as noites em que ficamos sem dormir depois de uma classificação emocionante. Guilherme se tornou amuleto. João Paulo marcou seu primeiro gol. Era um Botafogo diferente, que alegrava a gente.

O tal Botafogo que a gente gosta, que a gente conhece. Da música do compositor Dom Elias eternizada na voz da grande Beth Carvalho, cantada sempre que esse Botafogo travesso nos surpreende para o bem. Mas uma nova música surgiu nos estádios. Além do Niltão, no Chile, Paraguai, Argentina, Colômbia, Equador e Uruguai. E embalou os corações apaixonados dos botafoguenses. “Não se compara...” Realmente, esse Botafogo foi incomparável. 14 jogos e uma grande campanha (7 vitórias, 3 empates, 4 derrotas, 13 gols pró e 9 gols contra).

Em 2018 certamente tem mais. Com um desfecho diferente. Com festa, papel picado e taça levantada. Porque depois desse namoro estonteante, bem que merecemos ser correspondidos por esta paixão arrebatadora. Um caso de amor como esse merece um final feliz!



# Nossa Senhora das Graças rogou por nós

*19 de abril de 2015*

Recorro a Deus e a vários santos e ídolos do Botafogo durante uma partida! Mas ontem quem rogou por nós foi Nossa Senhora das Graças! Um senhorzinho estava com vários santinhos na mão. Eu vi um e achei parecido com Nossa Senhora da Conceição, padroeira do clube. E beijei a santa! Perguntei ao senhorzinho: É Nossa Senhora da Conceição? Ele respondeu: "Não, é Nossa Senhora das Graças"!

Beijei a santa errada, mas ainda assim deu certo. Na final da Taça Guanabara de 2006 no Maracanã, beijei a foto de Nilcea quando o Botafogo derrotou o América na final e foi campeão. Naquela oportunidade, um outro torcedor viu que assim que beijei a foto da minha esposa, logo depois saiu o gol de Scheidt em cobrança de escanteio, e então me pediu para beijar de novo porque deu sorte.

Ontem, ao final da cobrança de penalidades, o senhorzinho dos santinhos veio me falar que minha fé é forte! A cada jogador do Botafogo que ia cobrar um pênalti eu pedia a Deus para abençoá-lo. E quando Renan partia para a defesa, eu gritava para o goleiro herói do Botafogo: "É a sua chance de se redimir rapaz! Você pode e vai ser o nosso herói! Eu sonhei com isto! Você merece isto. Você é um lutador!"

Nossa Senhora das Graças me faz lembrar da antiga padaria do meu avô flamenguista, que tinha este nome. Ele queria que eu também fosse rubro-negro. Ontem eu converti a minha mãe, filha dele, ao botafoguismo. Ela, que vestiu com

orgulho a camisa alvinegra, era uma das mais animadas da turma da família que foi ao Nilton Santos.

Agora é esperar o nosso adversário nos dois próximos domingos. Será nossa sétima final em nove anos. Destas, perdemos quatro, três para o Flamengo (2007-08-09) e uma para o Fluminense (2012); e ganhamos três, uma do Madureira (2006), uma do Flamengo (2010) e uma do Fluminense (2013).



# CAPÍTULO 5

## BOLA CARIOCA



*O botafoguense é um perseverante, ele sofre, desanima, não desiste, se emociona e se alegra (Foto: Wesley Machado)*

# O espírito do Maracanã

*12 de julho de 2017*

No Maracanã, qualquer jogo se torna um espetáculo. A bola corre mais leve. Os jogadores parecem mais soltos. Nem a chuva fina que cai faz da partida mais suja. O Maracanã deixa o Futebol mais bonito. Aquela música do Claudinho e Buchecha, gravada pela Adriana Calcanhoto, poderia dizer também: Futebol sem Maraca, “sou eu assim sem você”. Não precisaria nem de rima. Afinal, Maracanã é sinônimo de Futebol.

Não importa se não está cheio. Se estiver melhor. Não importa se dá prejuízo. Se der lucro melhor. O Maracanã tem uma áurea iluminada. Quem entra no estádio sente. Ah, como é lindo! Se for criança então melhor ainda. O eterno maior do mundo se torna gigante. Não tem essa de New Maraca Gourmet. O Maracanã foi, é e sempre será o estádio de futebol mais charmoso do planeta.

Bem localizado, numa área central do Rio de Janeiro, é o maior cartão postal do futebol mundial. Ao entrar e avistar o verde do gramado, o sonho começa a se tornar realidade. A vida ganha sentido. Imagine para quem tem o privilégio de estar lá dentro? Ah, Maraca! Por que te abandonam? O Maracanã é aquela mulher ideal, linda por dentro e por fora, que não merece desdém.

O Maracanã é sagrado, nem macumba pega. Maracanã de Pelé, Garrincha, Zico, entre outros craques que desfilaram suas habilidades e fizeram os torcedores explodirem em êxtase de gol! Maracanã de gol de Cocada, de barriga, aos 43 minutos do segundo tempo, de fim de jejum. Maracanã de folha seca e drible no goleiro. Maracanã do carnaval nas arquibancadas e da geral.

Viva o Maracanã!



## **Campeonato Carioca cada vez mais da gema**

*29 de março de 2017*

Com o rebaixamento do Macaé e o provável rebaixamento do Resende para a Seletiva 2018, o Campeonato Carioca contará cada vez com menos equipes do Interior.

Justamente uma equipe do Sul-Fluminense, o Volta Redonda; e o Boavista, de Saquarema, Região dos Lagos, deverão ser os únicos clubes sem ser da Região Metropolitana na Fase Principal do Estadual do Rio de Janeiro, ainda no aguardo das equipes que ascenderão da Série B1 e terão de disputar a Seletiva, sem garantia de estar na Fase Principal.

Na Seletiva de 2017 subiram para a Fase Principal dois times da Região Metropolitana, a Portuguesa, que deve se manter; e o Nova Iguaçu, que faz uma grande Taça Rio, com possibilidades até de se classificar para as semifinais.

Os times do Interior foram sendo alijados aos poucos da competição. Em 2016 caíram a Cabofriense e o Friburguense. Em 2015, foi rebaixado o Barra Mansa, que havia subido no ano anterior. Em 2013, o Quissamã disputou a 1ª divisão, mas também teve vida curta, logo foi rebaixado. Em 2012, o Americano, que junto do Goytacaz e do Volta Redonda entrou no campeonato em 1976, amargou seu primeiro rebaixamento e até o momento não voltou mais.

## **Na contramão**

Em contrapartida, clubes tradicionais da capital vivem momentos tortuosos, como é o caso do América, que passa por um efeito ioiô, subindo e descendo seguidas vezes. Caso complicado também é do Olaria, que caiu em 2013 e ainda não voltou. O Bonsucesso, ao contrário, subiu em 2013 e tem conseguido se manter. Um caso mais crítico ainda é do São Cristóvão, que não disputa a 1ª divisão desde 1995, mesmo ano em que também foi rebaixado o Campo Grande.



# **90 anos do título carioca do São Cristóvão**

*21 de novembro de 2016*

Nesta segunda-feira, dia 21 de novembro de 2016, completam-se 90 anos do único título de campeão carioca de profissionais do São Cristóvão de Futebol e Regatas. Dez anos depois de inaugurar seu estádio na Figueira de Melo, o São Cristóvão conquistava o título que marcaria sua história. E a conquista se deveu a vários fatores que vamos comentar ao longo desse texto.

Para começar, a década de 20 estava marcada pelo triunfo em 1923 do time do Vasco formado por negros e mulatos, além dos habituais “players” brancos. E o São Cristóvão de 1926, que também era um clube de subúrbio, também contava com atletas da cor negra em sua equipe.

A vitória do São Cristóvão em 1926 consolidou o jogador negro no Futebol do Rio de Janeiro. Em 1918, o Campos Atlético, da cidade de Campos dos Goytacazes, já havia se sagrado campeão citadino da 1ª divisão, feito que o Bangu havia conseguido em 1911, sendo que na 2ª divisão do Carioca, campeonato em que justamente o São Cristóvão havia sido vice-campeão.

O jornalista e escritor Mario Filho em seu clássico livro “O Negro no Futebol Brasileiro” nos conta que, além da presença de jogadores negros na equipe (o que na época era limitado, quando não proibido pelos clubes mais elitistas, caso de Fluminense, Botafogo, Fluminense e América), a façanha do São Cristóvão foi conseguida por meio de muitas coisas diferenciadas.

A começar pelo fato do São Cristóvão ter um ônibus, que levava os atletas para treinar na praia do Copacabana. Isto mesmo. O time do São Cristóvão treinava correndo nas areias de Copacabana. E de chuteira e meião. Isto dava uma grande resistência aos jogadores.

Outro dado curioso era o mingau preparado pela torcedora do clube, a negra Balbina. Era com o reforço do mingau que os atletas iam para as partidas. Também costumavam tomar gemadas preparadas com ovos da granja do colaborador do clube, Álvaro Novais.

A campanha do São Cristóvão em 1926 foi irretocável. Várias goleadas e apenas uma derrota em cada turno. O título veio após uma goleada de 5 a 1 sobre o Flamengo num jogo suspenso e remarcado para a Rua Paissandu. Após a conquista, muita festa na Figueira de Melo com balão solto e espumante.

O time campeão formou com; Paulino; Póvoa e Zé Luiz; Julinho, Henrique e Alberto; Osvaldo, Jaburu, Vicente, Baianinho e Teófilo. Participaram ainda da campanha os

suplentes Doca, Mendonça, Martins e Luis Vinhaes, que depois se tornou o técnico da equipe.



## **O charmoso Campeonato Carioca mostra que é viável**

**30 mil ingressos vendidos antecipadamente para o primeiro jogo da decisão neste domingo**

*30 de abril de 2016*

Conseguir que o Comitê Rio 2016 liberasse o Maracanã para as finais foi um grande feito da Federação, em parceria com os clubes finalistas, Botafogo e Vasco, que tiveram sua parcela de contribuição ao assumir a administração da venda de ingressos, que este ano só podem ser comprados em dinheiro vivo.

É o Campeonato Carioca mostrando que é viável. Mesmo sem estádios maiores, além de São Januário, encontrou-se uma saída criativa que foi a exportação dos jogos. Criticaram o Fla-Flu em São Paulo, mas foi um sucesso de público, só faltaram os gols. Os torcedores de Manaus-AM, Brasília-DF, Juiz de Fora-MG, Vitória-ES e regiões também tiveram a oportunidade de verem de perto seus times no campeonato mais charmoso do Brasil. E há quem queira acabar com ele.

O que pode e deve ser feita é a reestruturação da competição, que tem muitos jogos que não são tão atrativos. Por exemplo, a primeira fase este ano não teve tanta utilidade.

Os quatro grandes têm que entrar mais adiante e ser feita uma fase classificatória para as equipes menores. Assim, diminuem-se as datas e ganha-se tempo na pré-temporada e no meio de semana. Por mais que, enquanto torcedores, queiramos mais é ver nosso time em campo.

Este final de semana será de finais por todo o Brasil. Expectativa, Emoção, Sofrimento, Alegria! E muitos gols! Viva os Estaduais! Viva o Carioca!



## O Charme dos Estaduais

*28 de janeiro de 2016*

Em meio à polêmica criada contra a Federação de Futebol do Estado do Rio de Janeiro (FERJ), começa neste sábado o Campeonato Carioca, o Estadual mais charmoso do Brasil. Outros estaduais também começam neste final de semana. Outros iniciaram nesta quarta. O Pernambucano já teve iniciada a primeira fase desde o dia 10 de janeiro, sem os times principais, que entrarão na fase final, numa fórmula interessante que vamos comentar no fim do texto.

Mas por que o Carioca é tão charmoso? Uma chamada do canal de TV por assinatura *Première Futebol Clube* (PFC) pode explicar porque o Carioca tem este charme. Na chamada, são mostrados gols de títulos cariocas conquistados por Botafogo, Flamengo, Fluminense e Vasco, marcados por Dimba (1997), Rodrigo Mendes (1999), Renato Gaúcho (1995) e Souza (2003), respectivamente. Gols que marcaram época, de

jogadores que fizeram história e ficaram guardados na memória do torcedor carioca.

Recentemente o presidente do Flamengo, Eduardo Bandeira de Mello, afirmou que o gol que ele mais tem boas lembranças é o de Rondinelli, o Deus da Raça, na final do Carioca contra o Vasco em 1978. Se você perguntar a um vascaíno qual gol que ele gosta mais, muitos vão dizer o de Cocada na final do Carioca contra o Flamengo em 1988. Assim como o botafoguense vai destacar o tento de Maurício na final do Carioca de 1989 contra o Flamengo. O tricolor, por sua vez, lembrará dos gols de Assis em finais contra o Flamengo em 1983 e 1984, sem contar o gol de barriga de Renato Gaúcho, é claro, em 1995 contra o Flamengo, que teve como marcante também o gol de falta de Pet contra o Vasco em 2001 aos 43 minutos do segundo tempo. E por que estes gols são tão importantes? Simplesmente porque foram feitos contra rivais caseiros em finais de estaduais.

Então porque agora este movimento para acabar com os Estaduais? Não devemos querer que o Brasil copie a Europa em tudo. O Estadual é o que temos de mais brasileiro. E aliás na Europa, com exceção da Espanha, os clássicos regionais são os mais valorizados, como os entre os times da mesma cidade, caso de Milan e Inter de Milão, que inclusive acontece neste final de semana; Juventus e Torino; Manchester United e Manchester City, Arsenal e Tottenham, Arsenal e Chelsea, que ocorreu no final de semana passado; Sporting e Benfica, entre outros.

É no Estadual que o clube considerado pequeno tem vez. Ou alguém imagina que um Bangu – com todo respeito, que já foi Campeão Carioca duas vezes e nos tempos áureos chegou a uma final do Brasileiro, pode almejar alguma coisa a mais que não seja se dar bem num Estadual? Deixando claro

que não estou falando das divisões inferiores do Brasileirão, onde recentemente o Bangu não tem tido chances de se mostrar.

O que tem de ser feito é a remodelação dos estaduais, com seletivas regionais com os times “menores”, como se fosse uma Série B, com por exemplo Americano, Goytacaz, Campos, Rio Branco, Cardoso Moreira, Paduano, Aperibeense, São João da Barra e Quissamã (Norte-Noroeste Fluminense), o que facilitaria a disputa, reduzindo os custos da competição. Um modelo, guardadas as devidas proporções, parecido com o Pernambucano.

Daí sairiam, por exemplo, dois classificados para uma outra fase, com times da Região dos Lagos, Serrana, Sul, Metropolitana e Baixada Fluminense; e aí sim, por exemplo, seis ou oito classificados se juntariam aos campeões cariocas já estabelecidos, incluindo o São Cristóvão, que recentemente voltou para a Série B, sem contar claro com o Paissandu, que foi extinto.

Quero deixar claro que também sou contra as altas taxas cobradas pela Federação. Mas defendo a permanência dos Estaduais, com o fortalecimento das equipes de menor investimento, tradicionais e centenárias.



# A contribuição dos quatro grandes clubes cariocas para a história e o folclore do Futebol

*10 de setembro de 2015*

Os quatro grandes clubes cariocas, Botafogo, Flamengo, Fluminense e Vasco (em ordem alfabética para não desagradar ninguém – rs) contribuíram, cada qual da sua maneira, para a formação cultural do Futebol brasileiro, com feitos que ficaram marcados na história.

O Botafogo permitiu a invenção do olé, com o endiabrado Garrincha num jogo contra o River Plate na década de 50.

O Flamengo introduziu o termo volante para o jogador de marcação ao revelar um jogador com este nome, que tinha nesta característica o seu forte.

O Fluminense é responsável pela alcunha de torcedor, à medida que as chamadas torcedoras do tricolor torciam seus lençinhos nas Laranjeiras.

E o Vasco, por sua vez, teria trazido para o Brasil a denominação de Gandula, para o apanhador de bolas, que, segundo consta, apesar de alguns questionamentos, era um jogador sul-americano que não pôde jogar pelo cruzmaltino e ficava atrás do gol fazendo este papel, no que a palavra fixou-se na memória popular.



## O Autor



*Foto: César Ferreira*

Sou jornalista, formado em 2008 no Centro Universitário Fluminense (Uniflu). Em 2009 iniciei minha trajetória como jornalista profissional. Obtive o registro profissional em 2010. Trabalhei em redações e assessoria de comunicação. Como escritor, em 2011 participei da coletânea de crônicas “A Magia do 7”, publicada pela editora Livros Ilimitados. Em 2012 editei e publiquei o livro “Saudosas Pelejas: A História Centenária do Campos Athletic Association”, impresso na Grafimar e lançado na Bienal do Livro de Campos de 2012. Em 2014 participei da coletânea “Narrativas e Apreciações – Uma Homenagem ao

Centenário de José Cândido de Carvalho”, lançada pelo selo da Fundação Cultural Jornalista Oswaldo Lima na Bienal do Livro de Campos de 2014. Botafoguense, fui premiado três vezes no Botafogo (2011, 2013, 2015), duas delas pelo clube; e uma vez pela Associação de Cronistas Esportivos do Rio de Janeiro (ACERJ). Sou natural de Campos dos Goytacazes-RJ, nascido no dia 23 de junho de 1981 na Santa Casa de Misericórdia de Campos. Filho primogênito dos servidores públicos estatutários Fernando e Ezilane, tenho dois irmãos, a correspondente bancária Fernanda e o sociólogo Weverthon; e sou casado desde 2008 com a servidora pública estatutária Nilcea, com quem tenho duas filhas, Luiza, nascida em 2009; e Júlia, nascida em 2014, ano em que fui aprovado no concurso público da Secretaria Municipal de Educação de Campos, no qual fui empossado em 2018. A publicação deste meu segundo livro próprio em 2020 é um sonho realizado!

*Wesley Machado*